

Sebastião Vieira
(1572 - 1634)

**Padre jesuíta castrense
mártir no Japão**



Flávio dos Santos Alves - Pedro Miguel de Almeida Alves

Padre Jesuíta Sebastião Vieira (1572 – 1634)

Mártir no Japão

-

Flávio dos Santos Alves e Pedro Miguel de Almeida Alves

RESUMO

Sebastião Vieira (1572 – 1634), nascido em Castro Daire, foi martirizado e queimado vivo por defender a Fé Católica em Yendo, Japão.

Este padre jesuíta, com formação eclesiástica em Coimbra e em Évora, partiu para o Japão no ano de 1602 sendo expulso no ano de 1614, à semelhança do que aconteceu a todos os outros jesuítas. No ano de 1623 foi eleito pela sua Congregação em Macau para relatar ao Papa Urbano VIII a dureza, perseguição e martírio dos cristãos, o que ocorreu em Roma no ano de 1627. Voltou a entrar no Japão, pela última vez, usando disfarce até que foi preso, martirizado e queimado vivo. Morreu no dia 6.6.1634 sendo as suas cinzas lançadas no mar.

O Padre Sebastião Vieira é recordado em livros, nomeadamente, (i) *Imagem da Virtude em o Noviciado* e (ii) *Elogios e Ramalhetes de Flores Borrifado com o Sangue dos Religiosos da Companhia de Jesus*. Da sua autoria destacamos: (i) Carta na Carta *Annua* de 1613, (ii) as narrativas da sua última

viagem entre Macau e Manila e daqui ao Japão e (iii) cartas escritas durante a sua permanência na prisão.

Para manter a sua memória viva, existe um óleo sobre tela no Museu de Nagasaki com a sua imagem. Em Castro Daire foi construído, no ano de 2005, um monumento evocativo implantado no Largo da Igreja Matriz e também há o registo da toponímia com a seguinte inscrição: “Rua Padre Sebastião Vieira, jesuíta castrense, séc. XVII, mártir do Japão”. Ao mártir Sebastião Vieira é mantido aberto o processo para a beatificação na Congregação para a Causa dos Santos, em Roma. Apesar do martírio já ter ocorrido no ano de 1634, regista-se com agrado esta história não ter caído no rol do esquecimento decorridos quase quatro séculos. Não há dúvidas sobre o martírio sofrido mas regista-se notória inacção na sua colocação nos altares católicos.

A vida de Sebastião Vieira, relatada pelo próprio em documento escrito, poderá ter servido de inspiração para o romance do japonês Shusaku Endo e do filme de Martin Scorsese “Silêncio”. Quem leu o romance, quem viu o filme e quem leu os testemunhos de Sebastião Vieira ficará com a convicção de que a vida deste jesuíta está presente no romance e no filme.

ABSTRACT

Sebastião Vieira (1572 – 1634), born in Castro Daire, Portugal, was martyred and burned alive for defending the Catholic faith in Yendo, Japan.

This jesuit priest, formed in Coimbra and Évora, sailed away to Japan in the year 1602 and was expelled in 1614, like the other jesuit priests. In 1623 was elected by his Congregation in Macau to report to the Pope Urban VIII the toughness, persecution and martyrdom of the christians, which occurred in Rome in 1627. He tried to go to Japan again, for the last time, being undercover until he was captured, tortured and burned alive. Died on June 6th 1634 being his ashes thrown to the sea.

The priest Sebastião Vieira is recorded in several books, namely, (i) *Imagem da Virtude em o Noviciado* and (ii) *Elogios e Ramalhetes de Flores Borrifado com o Sangue dos Religiosos da Companhia de Jesus*. From his own writings we highlight: *Carta na Carta Anua* from 1613, (ii) *as narrativas da sua última viagem entre Macau e Manila e daqui ao Japão* and (iii) letters written during his time in prison.

To keep his memory alive, there is a paint in Nagasaki Museum with his image. In Castro Daire was build, in year 2005, one statue on Largo da Igreja Matriz and also a street with his name: “Rua Padre Sebastião Vieira, jesuíta castrense, séc. XVII, mártir do Japão” (Street Priest Sebastião Vieira, jesuit *castrense*, XVII a.D., martyr from Japan). The process of beatifican of the martyr Sebastião Vieira is still open in the Cause of the Saints Congregation in Rome. Despite the martyrdom occurred in 1634, his history is still remembered. There is no doubt about his martyrdom.

The life of Sebastião Vieira, written by his own, can be the beggining of the inspiration for the romance written by the japanese Shusaku Endo and the movie form Martin Scorsese “Silence”. Who read the romance, and saw the movie and read the memories from Sebastião Vieira will get the idea that the life of this jesuit his in this romance and in the movie.

ÍNDICE

1. Nota introdutória	5
2. A Companhia de Jesus	9
3. Os Jesuítas no Japão	15
4. Padre Jesuíta Sebastião Vieira	25
<i>a) A biografia</i>	<i>26</i>
<i>b) A viagem de Macau a Manila</i>	<i>29</i>
<i>c) A viagem de Manila ao Japão</i>	<i>31</i>
<i>d) Pela quarta vez no Japão</i>	<i>34</i>
<i>e) As três cartas do cárcere</i>	<i>39</i>
<i>f) As manifestações de reconhecimento</i>	<i>40</i>
<i>f.1 O monumento no Largo da Igreja Matriz de Castro Daire</i>	<i>41</i>
<i>f.2 A Rua Padre Sebastião Vieira</i>	<i>44</i>
<i>f.3 A tela a óleo em Nagasaki</i>	<i>45</i>
<i>g) A beatificação</i>	<i>46</i>
5. Nota conclusiva	49
6. Bibliografia	53

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1 – Monograma da Ordem dos Jesuítas	11
Figura 2 – Simão Rodrigues	13
Figura 3 – Monumento aos Mártires do Japão em Nagasaki	24
Figura 4 – Macau/Filipinas/Japão	31
Figura 5 – Japão	34
Figura 6 – Estátua a Sebastião Vieira	42
Figura 7 – Rua Padre Sebastião Vieira	44
Figura 8 – Placa toponímica Sebastião Vieira	45
Figura 9 – Óleo sobre tela de Sebastião Vieira	45

Anexos

1. NOTA INTRODUTÓRIA

A divulgação do filme “Silêncio” e a sua ligação próxima com o livro com o mesmo nome de Shusaku Endo trouxeram à memória dos portugueses a epopeia dos Descobrimentos e o penoso trabalho da missionação no Japão. Também a nós nos motivaram estas narrativas heróicas e dramáticas numa perspectiva histórica mas não numa perspectiva teológica. A acrescentar a este incentivo, a nossa disponibilidade para escrever sobre Sebastião Vieira assenta nas nossas raízes sanguíneas comuns castrenses e no facto de já termos abordado em breves linhas esta personagem jesuítica em artigo publicado no Notícias de Castro Daire com o título “*Bispo Noronha de Reriz, Castro Daire. Um bispo esquecido?*” Neste contexto, considerámos que seria nossa obrigação aproveitar a oportunidade mediática para relembrar este jesuíta sem querer atrapalhar todos os que queiram fazer um estudo mais aprofundado sobre a temática. Nós entendemos que a intenção não é visível se não passar à acção e é esta que se vai materializar no resultado deste trabalho. Optámos pelo pragmatismo em detrimento da incerteza e inacção, logo, este documento será curto mas suficiente na mensagem.

Quem viu o recente filme de Martin Scorsese, e também *“Os Olhos da Ásia”*, de 1977, de João Mário Grilo, ficou com uma referência clara e precisa sobre a difícil vida do padre jesuíta Sebastião Vieira na sua passagem e estada por terras do Japão.

Apesar de neste filme nunca ser referido o nome de Sebastião Vieira, será fácil imaginar o que este castrense sofreu na defesa e propagação da fé católica. Além do martírio a que não se poupou no ano de 1634, teve ainda de substituir o apóstata padre Cristóvão Ferreira, que apostatou a 18 de Outubro de 1633 por não resistir ao martírio, nas funções de Vice-Provincial e também de gerir as consequências da apostasia de que resultou, por um lado, a sobrevivência do apóstata e o poupar da vida a outros cristãos mas, por outro, surgiu um embaraçoso marco definidor do antes e do depois representado pela problemática de recusa de suportar qualquer sacrifício, mesmo que da própria vida, na defesa da fé e na missionação. O próprio Cristóvão Ferreira terá vivido dissonâncias cognitivas face à sua decisão e à consequente colaboração na perseguição ao catolicismo durante os anos que se seguiram à sua apostasia. Realçamos a gravidade e impacte da sua decisão já que este tinha sido o representante máximo dos jesuítas ao ocupar a função de Vice-Provincial. A apostasia era algo impensável para um jesuíta e para um católico japonês, mas

passou a ser uma realidade incontornável com que a Congregação teve de lidar, observável pelo modo como registou secamente a baixa ao efectivo da Congregação da pessoa do jesuíta Ferreira sem descrever a causa, e ultrapassar, mantendo as práticas da missionação.

Regressando ao conteúdo do filme, o realizador colocou em destaque duas personagens, dois padres jesuítas, que passaram por drama semelhante ao vivido pelo castrense Sebastião Vieira quando navegaram com disfarce e clandestinamente até ao Japão dispondo-se a ajudar as comunidades cristãs japonesas e a confirmar os motivos do desaparecimento de Cristóvão Ferreira dos registos da Congregação. Os dois jovens padres, Sebastião Rodrigues e Francisco Garpe, sabiam que iam ser colocados à prova tendo de optar pela defesa da vida ou pela defesa da fé. A juntar à difícil e dramática decisão, teremos de acrescentar o problema da gestão do estatuto de clandestino, as recompensas para quem denunciava os praticantes da fé, o medo e as incertezas decorrentes do ambiente de constantes perigos. Francisco morreu na companhia de outros cristãos defendendo a fé até à morte, tornando-se um mártir em que a fé se sobrepôs à defesa da própria vida e de terceiros. Rodrigues, sendo para nós o herói do

filme por à volta dele passar a maior parte do enredo, sofreu fisicamente o martírio e a incerteza martirizante das consequências da sua decisão que implicavam o perigo de vida para outros cristãos e a desobediência aos valores da Congregação, apostatando antes de chegar à fase de ser pendurado nas covas. A ajudá-lo na tomada da difícil decisão apóstata apareceu o ex-jesuíta Ferreira que o incentivou e auxiliou a apostatar justificando que não era justo morrer ou não impedir que outros morressem por causa da defesa do valor da fé católica. Naquele tempo, como agora, relevou-se importante, oportuna e vital a reflexão teológica sobre o equilíbrio que deve existir na defesa de valores e na defesa da vida humana. Será mais importante morrer pela fé ou é mais importante preservar a vida do ser humano? E quando a apostasia não é voluntária, o sofrimento do apóstata não será mais penoso do que o martírio físico?

Comparando o que se apreendeu no filme com o que Sebastião Vieira escreveu sobre a sua quarta estada no Japão, ficamos com a convicção de que este escrito está espelhado no argumento do filme. Todavia, Sebastião Vieira não apostatou em sua defesa nem de quem o acompanhou no martírio, defesa de

terceiros, mesmo conhecendo a decisão já considerada teologicamente chocante do ex-jesuíta Ferreira.

Perante o desafio que tem de ser vencido de escrever sobre Sebastião Vieira, a nossa primeira preocupação foi descobrir fontes. As pesquisas na internet são, hoje em dia, importantes e indispensáveis suscitando linhas de investigação. As respostas institucionais são incontornáveis e fundamentais para a credibilidade da prova. Destaca-se o apoio da Fundação Casa de Macau, da Fundação Oriente, da Biblioteca Nacional de Portugal e da Universidade Católica Portuguesa. Os conhecimentos pessoais facilitam, impulsionam e motivam os objectivos a alcançar. Manifesta-se aqui o reconhecimento pelo empenho e incentivo manifestado pela Câmara Municipal de Castro Daire, pela Diocese de Lamego e por diversos amigos.

Face aos conteúdos obtidos através da análise das fontes, foi preciso utilizar correctamente as metodologias e os raciocínios dedutivos, indutivos e cartesianos. Confirmar premissas após validação do conhecimento. Nem sempre foi fácil escolher a modalidade de acção mas sempre foi forte a vontade de conseguir o resultado pretendido.

Relativamente à estrutura da narrativa, entendeu-se partir do geral para o particular abrindo caminho à apresentação fática do nosso “herói” Sebastião Vieira enquadrando-o na Companhia de Jesus.

Além de uma abordagem à Congregação de que destacamos os fundadores e o papel relevante de D. João III, queremos realçar a figura de Simão Rodrigues, por ter sido co-fundador da Ordem, fundador de colégios jesuítas em Portugal e o primeiro Superior Provincial. O trabalho dos jesuítas, que era a propagação da fé, teve como figura cimeira Inácio de Loiola mas que não podia dispensar o impulso relevante dos co-fundadores, nomeadamente, o navarro Francisco Xavier, na missão do Oriente – O Apóstolo das Índias, e Simão Rodrigues, este natural da Vouzela, na formação dos jesuítas em Portugal. Em sentido inverso à acção de D. João III e tendo em consideração a abordagem histórica, destacamos o papel de D. José, na pessoa do Marquês de Pombal, ao extinguir a Congregação.

Na parte sobre os jesuítas no Japão destacamos (i) o papel propriamente dito da acção da missão, (ii) a intervenção do padre jesuíta Cristóvão Ferreira, (iii) as funções do padre jesuíta João Rodrigues e (iv) o sofrimento dos mártires. O cristianismo entrou no Japão no ano de 1549, através de Francisco Xavier,

passando à clandestinidade no ano de 1597 quando já havia cerca de 300 mil seguidores japoneses. De cristãos de pleno direito, foram obrigados a passar à situação de cristãos escondidos (*Kakure kirishitan*). A proscrição só acabou no ano de 1873, logo, a prática clandestina e corajosa do cristianismo sobreviveu a quase três séculos de denúncias, de perseguições e de martírios.

A última parte reservamo-la para Sebastião Vieira dando enfoque às suas funções relevantes na difusão da fé, na formação e na escrita sem esquecer o facto da Congregação em Macau o ter elegido para seguir até Roma com a missão de reunir com o Papa Urbano VIII e transmitir-lhe a dramática situação vivida pelos cristãos em território japonês e as suas causas. Igualmente se destaca a narrativa dramática que o próprio fez da sua última viagem clandestina de Macau a Manila e daqui ao Japão e ainda da perseguição e prisão sofridas em território japonês.

Tendo em consideração a estrutura da narrativa que se acaba de apresentar, dos jesuítas atrás referidos e pertencentes ao distrito de Viseu, (i) Simão Rodrigues permaneceu por Portugal e pela Europa enquanto (ii) João Rodrigues esteve muitos anos no Japão mas veio passar os últimos anos de vida em Macau. (iii) Sebastião Vieira, que também foi conhecido por Romano, foi martirizado e cremado em Yendo - Japão. Dos três, só Sebastião

Vieira não teve sepultura onde repousassem os seus restos mortais e só ele sofreu martírio. Tentando classificar os três jesuítas do distrito de Viseu, Simão Rodrigues foi o Académico, João Rodrigues, o Diplomata e Comerciante e Sebastião Vieira, o Mártir.

2. A COMPANHIA DE JESUS

A Ordem dos Jesuítas não deixa ninguém indiferente, logo, é implicante, actuante e resiliente. O nosso rei D. João III apoiou-a incondicionalmente, o rei D. José expulsou-a ressurgindo em 1814, pela mão do Papa Pio VII, numa época marcada pela Revolução Francesa e pelo comportamento anti-Papa de Napoleão. O trajecto de crescimento e de declínio foi aproveitado pelos jesuítas para aprenderem com o passado, adaptarem-se ao presente e construírem solidamente o futuro.

No século XVI, a Europa vivia as consequências do Cisma (dissidência da autoridade do Papa - surgimento do Protestantismo: Lutero, Calvino e Henrique VIII), de difusão de heresias (fazer escolhas estando de acordo com umas coisas e não com outras - discordância de algumas práticas da Igreja Católica) e de desmotivação missionária face ao ambiente religioso. Para atacar e ultrapassar estes problemas, reuniu-se o Concílio de Trento (1545 -1563), com reuniões em Trento e em Bolonha em três períodos distintos: 1545-1548, 1551-1552 e 1562-1563. Todos os altos responsáveis religiosos sabiam que era urgente reformar, reforçar e projectar o catolicismo. Mas, do plano das

intenções era preciso passar à acção pelo exemplo e pela doutrinação que tinha de ser levada a cabo dentro da sociedade urbana, onde circulam pessoas, e não tanto nos espaços rurais e nos conventos.

Neste contexto de possíveis modalidades de acção, os jesuítas já tinham aproveitado a “*janela de oportunidades*” para se instalarem (serem uma mais-valia), vencerem (serem reconhecidos) e crescerem (dentro e fora da Europa). À reflexão juntaram a acção e a disciplina, à contemplação acrescentaram a intervenção na sociedade, à massificação contrapuseram a formação das elites, aos pequenos aglomerados populacionais contrapuseram os espaços citadinos. Com todos estes ingredientes de influência social e de predomínio na educação, a Companhia de Jesus gerou grande admiração e, simultaneamente, grande aversão num “*mercado*” religioso competitivo e num ambiente de poderes instalados. Ou seja, os jesuítas não passaram despercebidos deixando obra feita através da clara definição dos objectivos e das correspondentes metodologias. Todavia e sem menosprezar o trabalho realizado, os jesuítas não foram capazes de gerir e manter influências voltadas a seu favor nem conseguiram manter a mesma capacidade de inovação e de previsão dos acontecimentos. Pior do que errar é não agir com

medo do erro, sendo que este deve ser evitado como modalidade de aprendizagem. Aprende-se com os erros desde que estes não sejam previsíveis nem prevenidos.

A Companhia de Jesus, que é alguns anos anterior ao Concílio de Trento, foi aprovada pelo Papa Paulo III a 27 de Setembro de 1540 após ter sido projectada pelo oficial basco Inácio de Loiola a 15 de Agosto de 1534 com consagração na cripta de São Dionísio da igreja de Montmartre, em Paris. Este militar e membro da alta aristocracia espanhola, que sofreu ferimentos graves em combate ocorrido em Pamplona, voltou-se para uma vida consagrada devido à longa convalescença vivida no Castelo dos Loiolas. O sofrimento e o ócio dedicado à leitura de autores místicos conduziram-no à reflexão espiritual e à vontade de intervir na defesa da fé ameaçada pelo Cisma e pelo Império Otomano. Recuperado clinicamente, rumou a Paris para continuar os estudos e para organizar um grupo com a intenção de fundar uma ordem religiosa. Além de Loiola, mais nove jovens estudantes integraram com motivação o novo projecto. Este grupo de dez fundadores chegou a Veneza em 1537 para se dirigir a Jerusalém mas, não o conseguindo devido à guerra com os turcos, dedicou-se à acção pastoral em vários pontos de Itália. Em meados de 1539, reagruparam-se em Roma para eleger um superior e fundar uma

nova ordem religiosa dando cumprimento ao projecto inicial. A criação de um superior-geral, a viver em Roma, numa estrutura com poderes delegados nos superiores provinciais, regionais e locais associada ao juramento de obediência total asseguraram a força do poder centralizado e a proximidade papal. A primeira Congregação-Geral, em 19 de Abril de 1541, elegeu Loiola para superior-geral.

Esta organização apostou na formação dos seus religiosos (matemática, biologia, astronomia, ...) mas também na educação das elites (leigos) europeias, americanas e asiáticas orientais (Índia, China e Japão). O modelo de ensino era centrado no professor, na disciplina e na obediência a um paradigma de direcção centralizada. Os *curricula* dos Jesuítas cumpriam *“o ciclo dos estudos inferiores, com a aprendizagem de Gramática, Humanidades e Retórica em três anos, e os dois ciclos superiores, com um triénio de Filosofia e um quadriénio de Teologia. O ciclo da Filosofia previa o estudo da Matemática, da Física e da Astronomia. Estas disciplinas mereceram aprofundamento específico na Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão, em Lisboa, com vista a preparar os leigos para especialidades civis e militares, mas também para munir missionários com qualificações avançadas nas ciências da Europa, que se tornaram*

muito úteis em missões especiais, como foi o caso da evangelização da China e do Japão, ou nos debates científicos modernos”¹.

Com idêntica motivação intervieram na acção (missionação, comércio, diplomacia,...) e na promoção da arte religiosa barroca nas igrejas tendo em vista a manifestação pública de ostentação da arte na manifestação do poder da fé. Se o que não se vê não existe, a fé tinha de ser visível, de chamar a atenção e de ser praticada publicamente, nomeadamente, com a realização de procissões. Cada uma das acções era praticada sempre sob o lema da defesa e da propagação de fé e como ideário: “*Ad maiorem Dei gloriam*” (Para maior Glória de Deus). A fé tem de ser pública, divulgada e praticada com exemplos comprometedores com a verdade.

1 José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais, *Jesuítas construtores da globalização*, p. 50.



Figura 1 - Monograma da Ordem dos Jesuítas²

Em Portugal, o Rei D. João III, seguiu de perto a criação desta Companhia com o apoio do seu embaixador em Roma e futuro Vice-Rei da Índia, Pedro de Mascarenhas, estabelecendo contactos com Loiola no sentido de promover a vinda de jesuítas

² Idem, p. 17.

para se lançarem na evangelização na metrópole e de povos distantes (Brasil, África e Oriente). A dinâmica dos Descobrimentos Portugueses abriu caminho à realização do ideal dos Jesuítas e à colaboração destes com a coroa portuguesa. Através da pragmática acção do monarca junto dos Jesuítas, Portugal tornou-se o segundo país de acolhimento desta Congregação logo a seguir à Itália.

Foi D. João III, em 1539, pedir para os jesuítas, que se tinham instalado em Roma, apoiarem a cristianização dos domínios portugueses. A 17 de Abril de 1540, chegaram a Lisboa o navarro Francisco Xavier e o português Simão Rodrigues, dois dos dez co-fundadores da Ordem, para seguirem para a Índia. Todavia, este ficou em Portugal com o encargo de formar missionários.

Sobre Francisco Xavier falaremos na parte dos Jesuítas no Japão. Sobre Simão Rodrigues passaremos a tecer algumas considerações de seguida.

O jesuíta Simão Rodrigues de Azevedo³ (Vouzela, 1510 – Lisboa, 15 de Junho de 1579) foi co-fundador da Companhia de Jesus liderada por Inácio de Loyola. No ano de 1527, foi estudar para o Colégio de Santa Bárbara em Paris enquanto bolseiro da Coroa Portuguesa. Estudou Teologia na Sorbonne. No ano de 1537,

³ Ibidem, p. 52.

em Veneza, dispunha-se a seguir com destino a Jerusalém não tendo iniciado a viagem por impossibilidade de segurança devido à guerra com os Turcos. Devido à sua ligação com a coroa portuguesa, o monarca decidiu mantê-lo na Metrópole para se encarregar da formação para a missionação.

Sob a direcção de Simão Rodrigues, o primeiro colégio jesuíta abriu no ano de 1542 no Mosteiro de Santo-Antão-o-Velho doado por D. João III. Também abriu o Colégio de Jesus em Coimbra, anexando o Colégio das Artes no ano de 1555. Ainda preparou a fundação do Colégio do Espírito Santo em Évora que foi elevado a universidade Jesuíta em 1559. Muitos outros foram sendo abertos ao longo de todo o país.

No dia 25 de Outubro de 1546, Loiola, na qualidade de Superior-Geral, nomeou-o na função de 1.º Superior Provincial da Província Portuguesa da Companhia de Jesus sendo que também era a primeira Província dos Jesuítas.

Após uma preenchida vida de direcção religiosa, de trabalhos académicos e divergências com a Congregação que o levaram a abandonar a Metrópole portuguesa, veio a falecer em Lisboa estando sepultado na Casa Professa de S. Roque (actual

Igreja de S. Roque), que também foi a primeira igreja de Jesuítas e sede da Ordem.

Este jesuíta continua a ser lembrado no município de Vouzela através da referência toponímica ao existir com o seu nome a Rua Padre Simão Rodrigues.



Figura 2 - Simão Rodrigues⁴

Voltando ao tema da Companhia de Jesus, a visão eurocêntrica católica foi posta em causa pelos jesuítas que, devido à diversidade de culturas que encontraram, foram

⁴ Ibidem, p. 62: “Pintura do século XVII atribuída a Domingos da Cunha. Cúria da Província Portuguesa da Companhia de Jesus”.

adaptando os seus métodos para as estudar e assimilar com vista a conciliar conceitos, linguagens e mesmo a própria arquitectura dos templos nos territórios de destino da missionação. Houve tentativas de rezar a missa na língua nativa, de usar indumentária aborígene e de adoptar comportamentos idênticos aos anfitriões para facilitar a introdução da fé católica. Esta ousadia e inovação, apesar de pragmática, foram interpretadas como revolucionárias tendo como consequência directa o aumento de número de católicos e, simultaneamente e em sentido contrário, o aumento do número de adversários que queriam manter intacto o eurocentrismo considerando desadequados e provocadores os comportamentos destes religiosos.

Passados dois séculos (séc. XVI – XVIII), a Ordem já tinha um longo património histórico e um grande desgaste decorrentes do tempo de vida institucional, da competição com outras Ordens Religiosas e da própria entropia funcional. Aos factores estruturais que acabamos de referir temos de acrescentar o absolutismo monárquico e as inovadoras ideias dos “Estrangeirados” que se apresentavam incompatíveis.

O monarca D. José, influenciado pelo Marquês de Pombal, expulsou os jesuítas por lei de 03 de Setembro de 1759 (Lei de Expulsão dos Jesuítas de Portugal). Este comportamento do monarca não foi inovador porque já tinha expulsado os Jesuítas do Brasil em 1754 por estes discordarem da redefinição das

fronteiras nas Américas portuguesa e espanhola⁵. O monarca português viu reconhecida a justeza do seu comportamento quando o Papa Franciscano Clemente XIV extinguiu a Companhia de Jesus em 21 de Julho de 1773.

Após algumas décadas de exílio, o Papa Pio VII⁶, em 07 de Agosto de 1814, após humilhação imposta por Napoleão, restaurou a Companhia de Jesus mas esta nunca mais teve o apoio declarado nem da Monarquia nem da República nem ela repetiu a demonstração de inovação e de vigor porque os cenários favoráveis não se repetem e porque a aprendizagem obriga a ajustar comportamentos.

5 O Padre jesuíta Gabriel Malagrida, missionário no Brasil, foi queimado em auto-de-fé por heresia em 1761 no Rossio, Lisboa. Este jesuíta não se conformava com o que estava a acontecer aos jesuítas nem com a acção do Marquês de Pombal. No reinado de D. José (1750 – 1777) terão morrido setenta jesuítas presos e sem julgamento, cerca de quarenta no processo de expulsão e libertados quarenta e cinco.

6 O Papa Pio VII foi isolado em Savona por Napoleão. Os jesuítas passaram a ser os defensores do poder espiritual face aos atropelos infligidos pelo poder temporal. Em Portugal, o Rei D. Miguel, em 1829, apoiou a vinda dos jesuítas tendo-lhes confiado novamente o Colégio das Artes. Todavia, com a chegada do Rei D. Pedro IV, o Ministro da Justiça, Joaquim António de Aguiar, em 1834, voltou a expulsá-los. A partir daqui foram surgindo períodos de restauração e de expulsão ao sabor dos poderes políticos. A actual força dos jesuítas pode ser aferida pela eleição do cardeal jesuíta Jorge Bergoglio à função de Papa no ano de 2013 – Papa Francisco.

3. OS JESUÍTAS NO JAPÃO

O recente filme⁷ “Silêncio” de Martin Scorsese, tem como argumento o livro com o mesmo nome escrito pelo escritor japonês católico Shusaku Endo⁸. Em termos muito resumidos e com o objectivo de facilitar o conhecimento da estrutura da narrativa, o realizador optou por realçar o som ambiente em detrimento da música de fundo para tornar a encenação mais realista e mais intimista. A parte dos heróis e dos anti-heróis é desempenhada pelos cristãos e pelos japoneses não cristãos, respectivamente. O papel dos coadjuvantes e dos oponentes é sempre desempenhado por uma multiplicidade de pessoas circunstanciadas e agrupadas de acordo com a comunhão de valores partilhados. Os heróis, regra geral, são colocados à prova mas conseguem sempre a vitória final. Neste filme, fugindo um pouco à regra, o espectador tem de decidir quem é ou não o herói

7 Apesar deste filme ter sido o mais divulgado, não podemos esquecer o filme “Os Olhos da Ásia, de 1977, de João Mário Grilo, retratando a vida dos cristãos na clandestinidade. O livro de Endo também já tinha sido rodado em cinema, em 1971, pelo japonês Masahiro Shinoda.

8 O livro foi publicado em 1966. Shusaku Endo (1923 – 1996), tendo vivido o período da II Guerra Mundial e sendo católico, sofreu a perseguição do nacionalismo nipónico e o bombardeamento nuclear feito por um país cristão que destruiu Nagasaki.

porque tem de escolher entre apostatar ou ser martirizado, entre o dever ser e o ser. Sem mais delongas, dois jovens jesuítas Sebastião Rodrigues⁹ e Francisco Garrpe, nos anos de 1643, chegaram a Macau e preparam-se para embarcar clandestinamente com destino ao Japão com dois objectivos muito claros: (i) confirmar o motivo do desaparecimento do padre jesuíta Cristóvão Ferreira dos mapas de registo de pessoas da Ordem no ano de 1633 e (ii) apoiar os cristãos escondidos (os *kakure kirishitan*).

Estes dois jesuítas são apoiados nos contactos locais pelo japonês Kichijiro que foi um cristão com muitas dúvidas existenciais podendo ser comparado ao Judas do Evangelho no que concerne aos comportamentos censuráveis.

No decurso do filme somos todos convidados a presenciar o controlo da população, numa perspectiva de estratégia demográfica e de segurança, as prisões, os interrogatórios, os suplícios seguidos de mortes e as apostasias. O jesuíta Sebastião Rodrigues não resistiu ao seu suplício nem à dor de presenciar o suplício de quem o acompanhava optando por apostatar à

⁹ O jesuíta João Rodrigues, de Sernancelhe, não pode ser confundido com o jesuíta Sebastião Rodrigues que aparece no filme. Já o jesuíta Sebastião Vieira pode ser imaginado na vivência do filme porque foi martirizado no ano de 1634 e a cine-narrativa entre a década de 30 e 40 do século XVII.

semelhança o seu mestre vários anos antes pisando uma imagem católica. A opção não era simples obrigando a ponderar entre a defesa da sua vida e dos católicos que estavam a ser supliciado e o dever de colocar a fé acima de todos os valores humanos. Nesta decisão teve o apoio do ex-jesuíta Ferreira. Apostatou, salvou a vida de outros cristãos e a sua própria vida passando a ser um japonês. Todavia, o filme também nos revelou que podemos mudar por fora mas a vivência de muitos anos de cristianismo faz-nos apegar a alguns símbolos religiosos que servem como tábua de salvação nas ondas do mar revolto da vida. Ou seja, a apostasia foi um comportamento total ou parcial? A apostasia ocorreu só para uma salvaguarda de direitos físicos ou também por convicção espiritual?

Segundo Luís Martins, “... *um padre português, o fictício Sebastião Rodrigues, parte para o Japão determinado a ajudar os cristãos locais oprimidos pelo xogunato Tokugawa e, na passada, investiga rumores que correm segundo os quais o seu mentor religioso, Cristóvão Ferreira, teria renegado a fé cristã para escapar ao suplício. Claro que o drama vai desenrolar-se no interior do próprio Sebastião, através de uma luta de consciência, sendo o desfecho o mais humano possível. (...) O Rodrigues da história pode ser inspirado num Rodrigues verdadeiro, este João*

de nome próprio, natural de Sernancelhe, missionário jesuíta no Japão do xogunato e dali expulso em 1610, vindo a morrer em Macau rodeado de papelada, estudando as origens das comunidades cristãs do Extremo Oriente”¹⁰.

Mas, tendo em consideração o livro *Silêncio* (versão portuguesa), a badana da contracapa esclarece-nos:

“Apontado como um dos mais refinados escritores do século XX, Shusaku Endo (1923 – 1996) escreveu a partir da perspectiva fora do comum de ser japonês e católico.

Nascido em Tóquio, Endo foi baptizado aos 12 anos, numa altura em que os cristãos representavam menos de 1% da população japonesa. Formou-se em Literatura Francesa, pela Universidade de Keio, e estudou durante algum tempo em Lyon como bolseiro do governo japonês.

O seu estilo de escrita tem sido sucessivamente comparado ao de Graham Greene, que aliás o considerava um dos maiores escritores do século XX.

¹⁰ Luís Almeida Martins, *O Sabre e a Sotaina*, in revista *Visão*, n.º 1244, 5/1 a 11/1/2017, p. 57.

(...) Shusaku Endo foi galardoado com os mais importantes prémios literários do seu país, e por diversas vezes apontado para o Nobel de Literatura.

Silêncio foi adaptado ao cinema por Martin Scorsese, em parceria com o argumentista Jay Cocks, um projecto que levou mais de uma década a concretizar”.

Já sobre o conteúdo do livro, a badana da capa é esclarecedora:

“Silêncio, cuja acção decorre no século XVII, conta-nos a história de um missionário português envolvido na aventura espiritual da conversão dos povos orientais, o qual acaba por apostatar, após ter sido sujeito às mais abomináveis pressões das autoridades japonesas, para evitar que um grupo de fiéis seja por ordem delas torturado até à morte.

Antes de chegar ao Japão, a sua viagem leva-o a Goa, depois a Macau e, finalmente, a Nagasáqui e Edo, em etapas que pouco a pouco o transportam a esse Oriente hostil, onde no entanto já se contam alguns milhares de convertidos à fé católica. Aí descobre, na luta contra as pessoas e o ambiente adversos, a verdadeira fé, liberta de todo o aparato externo, eclesiástico ou mundano. E aí acaba por experimentar a derradeira solidão, que é o destino

daqueles que quebram a comunhão com o que mais profundamente marca a sua identidade”.

Relativamente ao argumento do filme, Martin Scorsese é muito claro na introdução ao livro:

“Sebastião Rodrigues representa aquilo a que se poderia chamar o «melhor e o mais brilhante» da fé católica. (...) Assim, é posto à prova de uma forma muito especial e especialmente dolorosa. É colocado no meio de uma cultura diferente, hostil, que está numa fase de um prolongado esforço para se ver livre do cristianismo. Rodrigues acredita, no fundo do seu coração, que será o herói de uma história ocidental que todos conhecemos muito bem: a alegoria cristã. Será a figura de Cristo, com o seu próprio Getsémani – um pequeno bosque – e o seu próprio Judas, um canalha chamado Kichijiro. (...)

Silêncio é a história de um homem que aprende – tão dolorosamente – que o amor de Deus é mais misterioso do que se imagina, que Ele deixa muito mais à decisão dos homens do que pensamos, e que está sempre presente ... mesmo no seu Silêncio. Para mim, é a história de um homem que começa no caminho de Cristo e acaba por desempenhar o papel do maior vilão do cristianismo, Judas. Segue-lhe quase literalmente os passos. Ao

fazê-lo, acaba por compreender o papel de Judas. Este é um dos dilemas mais dolorosos de todo o cristianismo. Qual foi o papel de Judas? Que esperava Cristo dele? E nós, que esperamos hoje dele? Com a descoberta do Evangelho de Judas, estas perguntas tornam-se ainda mais prementes. Endo olha para o problema de Judas mais directamente do que qualquer outro artista que eu conheça. Compreendeu que, para que o cristianismo viva, para que se adapte a outras culturas e a outros momentos históricos, não precisa só da figura de Cristo, mas também da figura de Judas”.

Aportando ao filme alguns elementos históricos, parece-nos oportuno abordar desde já a personagem Cristóvão Ferreira.

Cristóvão Ferreira¹¹ chegou ao Japão em 1614 tendo sido Vice-Provincial nos anos de 1632 – 1633 e desaparecido dos registos da Companhia de Jesus no ano de 1633. Apesar de tudo indiciar tratar-se do fenómeno da apostasia, o historial deste jesuíta levantava dúvida a alguns dos seus seguidores que não queriam acreditar e duidavam como S. Tomé. Ver para crer! Confrontados com a veracidade da apostasia ocorrida a 18 de Outubro do ano de 1633 a que seguiram outras mas a que também

¹¹Shusaku Endo, Silêncio. Wikipédia (20 de Fevereiro de 2017) – Cristóvão Ferreira (T. Vedras, 1590 – Nagasaki, 1650). Foi sepultado em Endo (Tóquio) com o nome de Sawano Chuan.

se seguiram suplícios e mortes, Cristóvão Ferreira constituiu-se como um marco delimitador do comportamento dos cristãos face às probabilidades de enfrentar o suplício. Cristóvão Ferreira apostatou ao fim de seis horas na fossa. Este jesuíta conheceu Sebastião Vieira devido a pertencerem à mesma congregação e circularem nos mesmos espaços geográficos no Japão.

Ao falarmos de apostasia, alerta-se para o que acontecia aos cristãos que eram descobertos ou denunciados. As autoridades compensavam a denúncia: “*A quem denunciar um padre: 300 moedas de prata. A quem denunciar um irmão: 200 moedas de prata. A quem denunciar um reconvertido: a mesma quantia. A quem denunciar um catequista ou cristão leigo: 100 moedas de prata*”¹². Perante a descoberta pelos poderes japoneses da existência de um cristão ilegal, este tinha a alternativa de (i) apostatar e denunciar ou (ii) ser supliciado com a consequente morte dolorosa. Mas, caso apostatasse, o processo com as autoridades tinha o início mas não terminava. No momento era obrigado a pisar o símbolo sagrado do cristianismo “o *fumie*”, seguindo-se o controlo preventivo. Os movimentos eram vigiados, as revistas e as buscas eram inopinadas e, anualmente, era repetido em grupo o ritual de pisar a imagem sagrada. Para exemplificar a preocupação de descoberta de

¹² Shusaku Endo, *Silêncio*, p. 267.

indícios: *“Nada ficaria por examinar, nem mesmo as três habitações dos funcionários e os pavilhões. Até suas mulheres e filhos foram obrigados a despir as roupas interiores diante do funcionário. (...) Ao revistar a casa de Sugiyama Schichirobe, Kobure Juzaemon descobriu um bilhete com palavras cristãs, entre papéis velhos. Logo Kayo Den`emon tomou conta dele e o entregou ao magistrado. Dizia <<Padre, arcebispo, papa>>”*¹³. E para ilustrar o cerimonial do *fumie*: *“Começa, hoje, para o povo, a cerimónia do fumie. Neste dia, os otona e os representantes dos bairros de Edo, Imazakara, Funatsu e Fukuro vão receber a placa do fumie e verificar, de casa em casa, se todos continuam a observar o rito tradicional de o pisar. (...) A dado momento, ouve-se a voz quase cantada de um pregoeiro: <<já aí vêm! Já aí vêm! >> Todos os da família se dispõem em fila na sala de entrada e esperam imóveis o início da cerimónia. O fumie mede sete ou oito polegadas de comprimento, por quatro a seis de largo. (...) O primeiro a pisar é o pai de família, depois a esposa, e finalmente os filhos. Se há crianças de peito, é a mãe quem pisa por elas, mantendo-as ao colo. Havendo doentes em casa, faz-se-lhe chegar o fumie aos pés, na presença dos oficiais, sem os remover do leito”*¹⁴.

¹³ Idem, p. 266.

¹⁴ Ibidem, p. 254.

Antes de Cristóvão Ferreira, esteve no Japão o padre jesuíta João Rodrigues que nunca foi confrontado directamente com o suplício mas presenciou alguns. Não queremos cometer nenhuma injustiça comparativa porque os pressupostos e os ambientes eram muito diferentes, mas arriscamos afirmar que Rodrigues se destacou no sentido da obediência às regras da Congregação não tendo sido confrontado com a perspectiva do martírio. João Rodrigues¹⁵ nasceu no ano de 1561, em Quintela/Senhora da Lapa¹⁶, Sernancelhe. No ano de 1577, o jovem João Rodrigues partiu para o Japão desconhecendo-se se já foi integrado em algum grupo de jesuítas ou como trabalhador em navio. A viagem até ao Japão demorava mais de dois anos. Sabemos que entrou para o noviciado no ano de 1580. Foi ordenado sacerdote em Macau a 10 de Junho de 1596. Como os jesuítas não recebiam os apoios logísticos que lhe tinham sido prometidos, estes tiveram de se virar para o comércio se queriam sobreviver. Parte da mercadoria dos navios era para os jesuítas e este facto levou a problemas com os comerciantes locais. A agravar esta situação, João Rodrigues foi nomeado pelo xógun Hideioshi como seu representante na compra de tecidos de seda mas as intrigas com

15 A maior parte dos elementos históricos sobre João Rodrigues constam no livro de S. J. Michael Cooper, *Rodrigues, o Intérprete. Um Jesuíta português no Japão e na China do séc. XVI*.

16 Os Jesuítas instalaram-se na Senhora da Lapa no ano de 1576 e terão influenciado a opção religiosa de João Rodrigues.

os comerciantes locais levaram à retirada da simpatia pelo xógun e à sua expulsão do Japão no ano de 1610. Neste ano, já em Macau, realizou algumas incursões pela China. No ano de 1624 substituiu Sebastião Vieira no cargo de Procurador em Macau da Missão Japonesa. João Rodrigues foi, acima de tudo, um intermediário nas relações entre Portugal a China e o Japão. A formação eclesiástica tardia e fora de território europeu terão contribuído para um desempenho religioso mais próximo das realidades orientais mas sempre com elevado nível académico. Tendo morrido no dia 01 de Agosto de 1633 em Macau onde ficou sepultado no Colégio de São Paulo, ele não podia ter conhecimento da apostasia de Cristóvão Ferreira ocorrida a 18 de Outubro de 1633. Todavia, privou com Sebastião Vieira quer em Macau quer no Japão.

Tendo em consideração a vida de João Rodrigues, somos levados a concluir que ele nada teve a espelhar no livro nem no filme “Silêncio” porque não sofreu o martírio nem teve de entrar clandestinamente no Japão. Ele, acima de tudo, teve um papel relevante nas relações entre Portugal e o Japão.

O padre João Rodrigues é reconhecido e recordado pelos munícipes de Sernancelhe que lhe erigiram um monumento, incluíram o seu nome na toponímia local e também o honraram

ligando o seu nome a um estabelecimento de ensino: Escola EB 2,
3 Padre João Rodrigues.

Também o Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, através do Centro Cultural Português no Japão, no ano de 1990 e com fundos oferecidos por Jorge Midorikawa, criou o Prémio Literário “Rodrigues o Intérprete” para premiar anualmente obras editadas no Japão, em japonês, sobre temas, autores ou traduções portuguesas. No dia 21 de Outubro de 2016 foi extinto e os fundos passaram a custear a tradução da “Série da Literatura Contemporânea Portuguesa (10 volumes). A coordenação do projecto é do Prof. Naotashi Kurosawa, da Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio e por um especialista português sendo a edição da responsabilidade de Gendai Kikakushitsu¹⁷.

Mas a história dos jesuítas no Japão ultrapassou o somatório dos contributos individuais apesar de cada um deles ser muito importante. A Congregação conseguiu ir, talvez, até onde o “Apóstolo das Índias” nunca tivesse imaginado mesmo sabendo nós que ele nutria um sentimento de simpatia pelos japoneses devido às facilidades concedidas à missionação. Para isto contribuiu a chegada das novidades científicas europeias e o comércio. Em sentido contrário, pressionavam as forças

¹⁷ Consulta internet do sítio Camões, I.P. e Ministério dos Negócios Estrangeiros, 30 de Abril de 2017.

centrípetas do choque cultural, das religiões locais, do conhecimento dos japoneses da existência do conflito religioso europeu, da competição entre potências europeias e a questão dos “*ritos religiosos*” mais pragmáticos e menos ortodoxos.

Francisco Xavier, já referido anteriormente como co-fundador da Congregação e apoiado pelo Rei de Portugal D. João III, chegou a Goa no ano de 1542 e durante 10 anos de permanência no Oriente, tornou-se um paradigma para jesuítas e leigos pela sua boa reputação, pelo trabalho desenvolvido, pelas terras que percorreu e, acima de tudo, por ter penetrado em culturas resistentes à influência estrangeira. Foi o primeiro missionário a entrar no Japão no ano de 1549, acompanhado dos jesuítas espanhóis Cosme Torres e Juan Fernandez ao serviço da bandeira portuguesa. Estes missionários desembarcaram em Kagoxima iniciando a evangelização. Através dos registos históricos, sabemos que morreu em 1552 em Sanchão às portas da China ficando sepultado no Colégio de São Paulo, em Goa, terra que o viu chegar às terras do Oriente.

O primeiro jesuíta português no Japão foi o padre Luís de Almeida que, em 1567, criou localmente um sistema de assistência semelhante às Misericórdias Portuguesas. O decorrer do tempo

não apagou os vestígios da obra feita no âmbito sanitário e no âmbito social ainda visíveis hodiernamente.

A nível da missionação do Japão, a sede estava em Goa passando para Macau no ano de 1565, porque os portugueses lá se tinham estabelecido no ano de 1557 por concessão dos mandarins locais, onde já havia condições logística e formativas.

O Colégio de S. Paulo – Goa¹⁸, que pertencia à Confraria da Santa Fé, passou para a gestão dos jesuítas no ano de 1544, ou seja, para a gestão de Francisco Xavier, com vista ao apoio formativo à evangelização do Oriente.

O Colégio de S. Paulo – Macau foi fundado no ano de 1565. Aqui também se estudavam as disciplinas de língua e cultura locais para facilitar a aceitação da missionação.

Penetraram na China em 1583 utilizando metodologias que já tinham sido testadas quer na Índia quer no Japão como seja apostando no conhecimento da cultura e práticas chinesas e difundido conhecimentos inovadores das ciências ocidentais que lhes facilitou o acesso à corte imperial. Na China, os jesuítas, em 1635, concluíram a reforma do calendário chinês e, em 1688,

18 À semelhança do que ocorreu no Oriente, os jesuítas fundaram o Colégio da Baía, Brasil, onde estudou o jesuíta padre António Vieira (1608 – 1697). Neste colégio estudava-se também línguas ameríndias e música.

integraram uma missão diplomática para definição das fronteiras entre este país e a Rússia.

O papel dos jesuítas foi notável na missionação mas também na formação e na cultura. A estes se deve a divulgação do telescópio e das práticas da medicina ocidental.

Os japoneses começaram pela fase de grande adesão à religião dos Jesuítas devido ao que esta representava de novidade religiosa, científica e técnica. De seguida surgiu o período da tolerância decorrente da necessidade de manter o comércio e a diplomacia terminando com a desagradável época da expulsão das ordens religiosas e dos portugueses por serem interpretados como uma ameaça à soberania. Para cada uma destas fases temos de ter em consideração o que aconteceu a/em Portugal porque nada surge por acaso e tudo tem a sua justificação. Ao serviço da bandeira portuguesa, os Jesuítas eram monopolistas no serviço da cristianização. Seguiu-se o domínio da dinastia filipina em Portugal com a inevitável intervenção de outras Ordens Religiosas e com a concorrência comercial dos ingleses e dos holandeses. Relativamente à implantação do cristianismo no Japão, este começou por ser um factor de coesão japonesa para, rapidamente, se tornar numa ameaça já que a obediência do cristão não era ao poder temporal do xógun mas ao poder

espiritual e do Papa. O xógun centralizou o poder elegendo o cristianismo como alvo a atacar por dificultar os seus objectivos, pelo que, tratou de o ilegalizar e de os perseguir. A revolta de Shimabara contra os excessivos impostos teve a aparência de uma manifestação cristã porque os revoltosos empunhavam dizeres católicos e as autoridades interpretaram-na como sendo incentivada por estrangeiros. Quem beneficiou com a expulsão dos portugueses foram os holandeses e os ingleses que ficaram com o espaço livre para o comércio marítimo e para a missão de intermediários nas relações com as autoridades japonesas.

Como estamos a falar de datas que nos auxiliam a localizar temporalmente os acontecimentos, consideramos oportuno seleccionar as datas ilustrativas das relações luso-nipónicas.

Assim:

- Os portugueses chegaram ao Japão em 1542 sendo Fernão Mendes Pinto o mais conhecido¹⁹. No ano de 1548, Jorge Álvares escreveu um relatório sobre o Japão.

- No ano de 1569, o porto de Nagasaki foi aberto ao comércio português.

¹⁹Ana Fernandes Pinto, revista Visão, p. 12, referiu que “... o primeiro encontro entre Portugal e o Japão, iniciado em 1543 quando uma embarcação de mercadores portugueses aportou por acaso em Tanegashima”.

- No reinado de D. Henrique, reforçou-se o entendimento de que os Jesuítas tinham o monopólio de missionação no Japão afastando a concorrência nociva de outras ordens religiosas. Os Jesuítas tinham seguido uma missionação inovadora com a admissão de nativos porque tinha havido uma grande adesão de fiéis e a resposta europeia não era suficiente.
- No ano de 1582 contavam-se 150.000 fiéis, a construção de 200 igrejas e de três seminários. E ainda 74 religiosos com dezenas de auxiliares, seminaristas e catequistas²⁰.
- Entre 1582 – 1590, uma embaixada de cristãos japoneses viajou até à Europa em navios portugueses despertando a curiosidade ocidental.
- Com o reinado filipino, os espanhóis infiltraram-se nas áreas de influência portuguesa mas a Santa Sé, em 1585, por proposta do monarca, atribuiu a missionação do Japão e a criação de uma diocese aos Jesuítas. Apesar da ordem papal, os franciscanos passaram a actuar no Japão entre 1593 – 1597. A ordem dos dominicanos, em 1602; a Ordem dos Agostinhos, em 1603.

20 Helena Toipa, pdf, p. 42.

- Em 25 de Julho de 1587, um decreto do xógun (chefe militar) Hideioshi proibiu a prática do cristianismo e ordenou a expulsão dos jesuítas.
- No ano de 1596 existiam 300.000 cristãos, 60.000 dos quais baptizados após o édito anti-cristão de 1587²¹.
- No dia 5 de Fevereiro de 1597 – um grupo de 26 cristãos foi crucificado em Nagasaki. A ordem de expulsão estende-se aos franciscanos e restantes ordens e os cristãos passaram à clandestinidade.
- Em 1614 – expulsão dos missionários. Neste ano, o número de jesuítas era de 118 quando em 1602 era de 128 sendo reduzido para 53 no ano de 1615.
- Em 1623 – expulsão dos comerciantes residentes em Nagasaki.
- Em 1637 - quase um século após a chegada, os portugueses são expulsos do Japão.
- Em 1639 – proibição da presença de mercadores portugueses fora da época comercial. Cessou o comércio japonês com Macau.

²¹ Idem, p. 43.

- Em 1640 - chacinada uma embaixada portuguesa enviada de Macau ao Japão.

- Em 1860 - reatamento das relações luso-nipónicas.

Mas da história do relacionamento dos europeus com o Japão também fazem parte os martírios infligidos aos cristãos, mesmo que japoneses. Estas mortes evitáveis fazem parte de um período sangrento com consequências negativas na imagem de um povo que foi considerado afável e acolhedor nos primeiros contactos com os europeus. A história é objectiva e longa relativamente ao registo dos martírios de cristãos às mãos dos japoneses²². O xógun temeu e reagiu ao rumor lançado por marinheiros espanhóis de que a entrada dos espanhóis em novos territórios era precedida pela entrada dos missionários conjugando a preparação espiritual com a penetração da força temporal. Os japoneses sabiam que os reinos de Portugal e Espanha estavam debaixo da mesma coroa régia, pelo que, foi dada credibilidade à ameaça apesar de a missionação ter sido iniciada e mantida sob a égide da bandeira portuguesa.

²² Os dados sobre os mártires foram retirados do sítio <http://www.26martyrs.com/> (03 de Abril de 2017).

A 05 de Fevereiro de 1597, deu-se o primeiro martírio²³ de 26 cristãos em Nagasaki: 6 frades franciscanos, 17 cristãos japoneses e 3 jesuítas. Sobre este martírio, Helena Toipa, citando Castelo, referiu: *“O primeiro martírio de Nagasáqui deu-se numa altura em que a posição portuguesa no arquipélago nipónico atravessava uma mudança estrutural. Podemos dizer que o contexto em que se insere este acontecimento inicia um período de viragem no “século cristão” sob o Sol Nascente; de um lado, fica a memória do apogeu das relações luso-nipónicas; do outro, a ruptura definitiva com o cristianismo e com os portugueses. (Castelo, 1993: 65)”*²⁴.

Segundo William Johnston²⁵, no período de 1614 a 1640, foram supliciados cinco ou seis mil cristãos. Do total dos martirizados fazem parte Sebastião Vieira, queimado vivo a 6 de Junho de 1634, e os 61 elementos da embaixada mártir portuguesa que ocorreu em Nagasaki por degolação no dia 3 de Agosto de 1640.

Ao martírio seguiu-se tratamento diferenciado dos martirizados talvez por razões diplomáticas, teológicas,

23 Estes “Mártires do Japão” virão a ser beatificados em 1627 e canonizados em 1862.

24 Helena Toipa, pdf, p. 43.

25 In Shusaku Endo, Silêncio, p. 17.

sociológicas, institucionais ou de oportunidade. Do grupo dos 26 mártires de 1597, vinte e três deles foram beatificados a 15 de Setembro de 1627 e 3 jesuítas foram-no em 1629. A canonização de todos eles ocorreu a 10 de Junho de 1862. A Festa Litúrgica é celebrada no dia 6 de Fevereiro e não no dia 5 porque neste dia já se celebra a Festa Litúrgica de Santa Águeda. Este martírio estava assinalado localmente mas com a destruição de Nagasaki pela bomba atómica da II Guerra Mundial, o local veio a transformar-se em parque no ano de 1956. No ano de 1962 foi construído o actual Monumento aos Mártires, o Museu e a Igreja de S. Filipe de Jesus. O nome para esta igreja foi escolhido em homenagem ao jesuíta mexicano com o mesmo nome por ter sido o primeiro a ser martirizado. Toda esta edificação é dedicada aos 26 Mártires. A igreja foi elevada a Catedral no ano de 2002. O museu é dirigido, desde 2004, pelo padre argentino Renzo De Luca tendo já sido visitado, nomeadamente, pelo Papa João Paulo II, a 26 de Fevereiro de 1981, pelo Imperador do Japão e pelos Reis de Espanha



Figura 3 - Monumento aos Mártires do Japão em Nagasaki²⁶

O Papa Pio IX, a 07 de Julho de 1867, beatificou 205 mártires. Estes mártires – mortos entre 1617 e 1632 - estão assim agrupados: 166 leigos (165 japoneses e 1 português); 39 sacerdotes (5 jesuítas e 1 agostinho portugueses). A 24 de Novembro de 2008 foram beatificados 187 mártires.

Sobre os martírios e tendo em consideração os dados que acabam de ser referidos, dos cerca de cinco a seis mil mártires, 26 foram canonizados, após beatificação, e 418 foram beatificados (incluem-se os canonizados). Sebastião Vieira ainda não foi beatificado e muito menos canonizado!

²⁶ Imagem da Wikipédia.

4. PADRE JESUÍTA SEBASTIÃO VIEIRA

Para conhecermos o Padre Sebastião Vieira vamos socorrer-nos, essencialmente, dos testemunhos escritos dos jesuítas António Franco e António Francisco Cardim.

Tendo em atenção que estamos a tratar com fontes bibliográficas dos séculos XVII e XVIII, as citações que aparecem transcritas estão-no em português actual por não nos ser possível dactilografar, nomeadamente, as letras s e j do texto original e por também se considerar que facilitaria a leitura.

António Franco, na obra *Imagem da Virtude em o Noviciado*, dedicou a Sebastião Vieira os capítulos LIV a LXIII (pp. 154 – 190).

Assim:

“Capítulo LIV – Vida do Padre Sebastião Vieira ilustríssimo mártir no Japão. Entra na Companhia, passa ao Japão, como voltou à Europa e tornou para o Japão.

Capítulo LV – Refere-se uma narração de seus trabalhos. Da viagem que fez de Macau até Manila.

Capítulo LVI – Da viagem de Manila até ao Japão.

Capítulo LVII – Continua a narração da mesma viagem.

Capítulo LVIII – Continua a mesma relação e se refere como entrou no Japão, foi descoberto e começou a ser buscado.

Capítulo LIX – Continua a mesma narração. Escapa de ser preso e o recolhe um cristão, de caminho se conta como se tinha convertido e outras coisas notáveis.

Capítulo LX – Sinais que ouve da perseguição que se levantou e como o Padre tratou de sair da casa de Paulo.

Capítulo LXI – Prossegue-se a mesma relação e coisas que lhe aconteceram até se tornar a meter no mar.

Capítulo LXII – Dá-se fim a esta relação com os trabalhos que no mar padeceu e coisas que lhe aconteceram.

Capítulo LXIII – Como foi preso e o mais que lhe sucedeu até ser martirizado”.

António Cardim escreveu o elogio ao Padre Sebastião Vieira (elogio LXXX) e o elogio a cinco irmãos japoneses

companheiros do Padre Sebastião Vieira (elogio LXXXI) publicados no livro *“Elogios e Ramalhetes de Flores Borrifado com o Sangue dos Religiosos da Companhia de Jesus”* (pp. 214-223). Estes dois elogios vão fazer parte do anexo deste trabalho por conterem gravuras elucidativas da prática do martírio das covas/fossas e serem um contributo, em nosso entender, para a beatificação de Sebastião Vieira. Neste contexto, optou-se por nada mais nada ser referido deixando-se o conteúdo do documento à curiosidade e motivação do leitor.

a) A biografia

No Capítulo LIV (pp. pp. 54 – 156), Franco narrou os elementos principais da biografia de Sebastião Vieira começando por destacar que foi um dos grandes heróis da Companhia de Jesus. E continuou: *“nasceu em Castro Daire, que é do Bispado de Lamego na província da Beira. Seus pais se chamavam André Vieira e Filipa Lopes. Entrou na Companhia em Coimbra aos três de Fevereiro de 1591, tendo dezassete anos de idade Estudou no Colégio de Évora, querendo Deus, que os dois principais colégios desta nossa província fossem honrados com a pessoa de homem tão santo e amigo de Deus”* (p. 154).

A esta biografia, nós acrescentamos que o nascimento ocorreu no dia 20 de Janeiro de 1572²⁷. Passados sete dias (27 de Janeiro) foi baptizado pelo Padre Pedro Fernandes, auxiliar do Abade Francisco Rodrigues, sendo padrinhos André Lopes da Fonseca e Constância de Almeida, filha de Brás Vieira²⁸. A entrada para a Companhia de Jesus ocorreu aos dezanove anos²⁹ para o Colégio de Coimbra passando depois para o de Évora onde foi instruído, durante 4 anos, em Ciências Escolásticas³⁰.

Segundo José Maria Braga, no ano de 1599, partiu de Lisboa para a Índia na companhia de setenta e nove sacerdotes³¹. Todavia, nas palavras de António Franco (pp.154 – 155), a saída ocorreu no ano de 1602, sendo que nesse ano seguiram em missão um total de cinquenta e oito jesuítas tendo como superior o Padre Alberto Laercio Italiano. Deste numeroso grupo, cinco

27 O dia e mês do nascimento constam em Diogo Barbosa Machado, pp. 704.

28 Arquivo do Paço Episcopal de Lamego, livro de baptizados da Paróquia de Castro Daire.

29 Nós consideramos que o Padre Sebastião Vieira entrou aos 19 anos de idade e que a referência aos 17 anos é um erro negligente. Barbosa de Machado, p. 704, referiu a idade de 17 anos. Também José Maria Braga, p. 540, nota 17, referiu a idade de 17 anos não mencionando o ano de 1591.

30 Barbosa de Machado, p. 704, refere que Sebastião Vieira foi instruído em ciências escolásticas no Colégio de Évora.

31 José Maria Braga, p. 540, nota 17, referiu a saída de Lisboa no ano de 1599 com 79 sacerdotes. António Franco referiu que Sebastião Vieira navegou para a Índia no ano de 1602. Nós consideramos assumir a data de 1599 porque Sebastião Vieira, à data, tinha 27 anos de idade e 10 anos de formação nos Colégios Jesuítas de Coimbra e Évora.

foram martirizados na Japão em que se inclui Sebastião Vieira. Perante a contradição de datas, nós optámos pelo ano de 1602 tendo em consideração os dez anos de formação dos jesuítas. Os estudos inferiores tinham a duração de três anos e os superiores desdobravam-se em 3 anos de filosofia e 4 de teologia. A saída de Lisboa foi a 25 de Março de 1602.

Chegado a Goa, seguiu para Macau onde foi Mestre de Noviços assumindo, posteriormente, a função de Procurador da Província durante três anos. Aqui estudou a língua e cultura japonesas para melhor conseguir a difusão da fé católica no lugar da missionação.

Apesar de não conhecermos a data da chegada ao Japão, sabemos que no ano de 1614, devido à perseguição movida pelo xógun Daifusama a todos os religiosos católicos, foi expulso rumando às Filipinas. Usando somente o tempo necessário para preparar o regresso, voltou ao Japão clandestinamente e com disfarce para não ser reconhecido pelas autoridades como jesuíta até ser chamado a Macau pelos seus superiores.

No ano de 1620, desempenhou o importante cargo de Procurador da missão japonesa em Macau substituindo João Coelho, natural de Coimbra, que nas palavras de Michael Cooper:

“Este posto era de extrema importância para a missão, pois os jesuítas dependiam de Macau para abastecimento em vinho de missa e outros artigos litúrgicos inexistentes no Japão. (...) também se ocupava da parte dos jesuítas no comércio da seda e fazia todo o possível para obter apoio financeiro para a missão”³².

No desempenho desta importante missão, João Rodrigues, de Sernancelhe, já nosso conhecido por ter sido mencionado neste trabalho, ajudou-o na função de Procurador devido à sua experiência a nível de comércio como a nível de contactos no Japão. Foi neste período da sua gestão que mandou construir a residência do Procurador em Macau³³.

Em 1623 foi eleito para ir a Roma como Procurador da Província Japonesa. Chegou a Roma no ano de 1627, quatro anos após a sua eleição, sendo recebido pelo Padre Geral e pelo Papa Urbano VIII. Na reunião com o Sumo Pontífice, narrou-lhe os trabalhos da Igreja no Japão, as perseguições e os martírios e para, para dar mais dramatismo à narrativa, entregou-lhe uma catana ensanguentada com que alguns mártires tinham sido degolados. Por seu lado o Papa terá ficado comovido e agradecido de modo que ordenou que fosse dado a Sebastião Vieira tudo o que pedisse sem necessidade de recorrer a sua Santidade e que nada

32 Michael Cooper, p.282.

33 Michael Cooper, p. 332.

fosse recusado sem ser consultada a vontade Pontifical. Como mensagem de despedida o Papa disse: *“Ide, que se padecerdes a morte, eu vos prometo de vos declarar por Mártir na Igreja de Deus”*.

Regressou de Roma a Portugal por terra aproveitando para contactar os Colégios da Congregação. Há registo da sua passagem por Milão, narrada pelo Padre João Batista Rhó, destacando e registando o orgulho que sentiu com a sua presença.

Navegou de Lisboa para o Oriente no ano de 1629, num grupo de 41 religiosos, que ele tinha reunido dentro e fora de Portugal, capitaneados por ele próprio e pelo Padre Apolinário de Almeida, Bispo de Niceia na Etiópia.

Chegado a Goa, rumou a Macau, depois a Manila até entrar no Japão no ano de 1632. Foi Vice-Provincial neste país nos anos de 1633 – 1634 substituindo o apóstata Cristóvão Ferreira.

Sebastião Vieira foi um missionário do terreno que nunca se poupou a sacrifícios para engrandecer a Companhia de Jesus e ampliar a prática da Fé Católica. Não lhe sobrava tempo para passar a escrito todo o seu saber de experiências feito e de aturada preparação académica de dez anos em Portugal. A

listagem de obras escritas que chegaram até nós estão sempre direccionadas para o desempenho da missão da evangelização narrando as dificuldades, os perigos e a morte envoltos na esperança e na providência divina. Sabemos que ele escreveu as seguintes obras:

- *Annuae litterae ex Iaponia 16 Martii 1613*³⁴;
- Relação da viagem que fez de Macau a Manila, e de Manila ao Japão escrita no Japão a 18 de Fevereiro de 1633³⁵;
- Três cartas escritas no cárcere de Yendo a 7 de Abril de 1634³⁶;
- *Compêndio da Fé Católica*, escrito em língua japonesa estando preso no cárcere, mandado ao Imperador³⁷.

34 Sobre esta Carta do ano de 1613, foi consultada a Biblioteca da Universidade Católica Portuguesa, A Fundação Casa de Macau, a Biblioteca Nacional de Portugal, o Colégio S. João de Brito em Lisboa. Só a Biblioteca Nacional de Portugal respondeu, a 5 de Abril de 2017, esclarecendo: “*A obra para a qual Barbosa de Machado (e também Sommervogel, vol. 8, p. 686) remete é Lettera annua del Gioppon dell’anno 1613. Nella quale si raccontano molte cose d’edificatione, e martirij occorsi nella persecutione di questo anno. Scritta dal P. Sebastiano Vieira della Compagnia di Giesu. Al molto r. p. generale dell’istessa Compagnia – in Roma: per Bartolomeo Zannetti, 1617 (...) catálogo colectivo de Itália*”.

35 Este documento faz parte do livro do Padre Jesuíta António Franco.

36 Idem.

37 Não tivemos acesso a este documento mas também não o tentamos localizar.

Segundo Benjamin Videira Pires³⁸, o Pe. Sebastião Vieira era um famoso jesuíta sendo a sua morte celebrada com grandiosidade em Macau no ano de 1635. A pompa cerimoniosa foi reconhecida quando foi necessário organizar a celebração da morte por degolação de 4 embaixadores e 57 elementos da comitiva ocorrida em Nagasaki no dia 03 de Agosto de 1640 e ter sido referido que a magnificência desta celebração não podia ser inferior à realizada para o Pe. Sebastião Vieira. A notícia de um martírio era recebida com lágrimas nos olhos e júbilo no coração. Todos sabiam que teriam junto de Deus um intercessor porque os sacrifícios teriam comovido a misericórdia divina. O Conselho Geral de Macau confirmava a veracidade da notícia dando-se início às cerimónias evocativas. Primeiro havia o repique do sino da Igreja da Sé Matriz logo seguido do repique dos sinos das demais igrejas. Os habitantes vestiam-se de gala, colocavam iluminação nas janelas, pagavam a tocadores de rua e cantava-se o *Te Deum* na Sé, em acção de graças, com o Santíssimo exposto. Também se realizava uma corrida de touros no Terreiro de Santo António com atribuição de prémios.

38 Benjamin Videira Pires, p. 76, nota 11.

b) A viagem de Macau a Manila³⁹

A viagem de Macau a Manila demorou trinta de dois dias. Antes de desembarcar, Sebastião Vieira decidiu despir as vestes religiosas trocando-as por vestes seculares. Teve a colaboração dos passageiros que por vontade destes lhe davam as melhores roupas de tal modo que o queriam ver disfarçado de Capitão Geral. Mas o jesuíta optou por um disfarce de homem mal-amanhado com espada e adaga à cinta.

Ficou hospedado em casa de um nobre seu companheiro na viagem de Macau para Manila dando conhecimento da sua presença ao Provincial e ao Padre Reitor do Colégio. Apesar do esforço de secretismo, também o Governador e vários outros portugueses ficaram a conhecer a sua estada e as intenções de viajar para o Japão.

Na sua vivência disfarçada em Manila, ele sentiu algumas dificuldades em conciliar a imagem do disfarce com as respectivas cortesias na medida em que, como religioso, não estava habituado às linguagens e proxémias seculares. Essa vida de homem escondido não o impediu de celebrar missa diária mas sempre às escondidas. Quando o Provincial o convidou para

³⁹O texto da viagem de Macau a Manila é o resumo feito por nós sobre o que escreveu António Franco, Capítulo LV e LVI (pp. 156 – 158).

assistir no coro da igreja à pregação na celebração do Santíssimo Sacramento, os demais presentes manifestaram curiosidade perante a presença de um estranho que não queria ser reconhecido mas que, por ironia dos factos, aparecia em público.

Sebastião Vieira tinha como objectivo chegar ao Japão, logo, durante todo o tempo andou a tratar da viagem com os chineses que estavam interessados em ganhar dinheiro (a prata) com o transporte. A Companhia de Jesus, vendo esta disponibilidade negocial dos chineses, decidiu enviar mais dois jesuítas japoneses. Por questões de segurança, Sebastião Vieira viajava num navio e os dois jesuítas noutro. Quando se aproximava o dia do embarque, mudou de residência para a Residência de S. Miguel porque, assim, reduzia o número de pessoas que conheciam o seu local de permanência. Aqui foi apoiado logisticamente por duas cristãs japonesas fugidas da perseguição no seu país. Esta última residência facilitava o acesso aos navios chineses.

A acrescentar às dificuldades de negociação da viagem e do disfarce, o Rei impedia que religiosos viajassem para o Japão, mas o Governador estava doente e não controlava convenientemente o cumprimento das determinações régias.

O Governador tentou por várias vezes ver e falar com Sebastião Vieira mas este sempre foi adiando o encontro inventando desculpas e achaques por saber do estado de saúde do Governador, das consequências para a sua deslocação ao Japão e, quando ele viesse a saber do embarque, já estaria a algumas léguas de distância e *“ele com a morte se esquecia deste pio, mui justo e acertado engano”*.

Durante a noite, foi conduzido pelos chineses da Residência de S. Miguel até à margem do rio onde uma barquinha o aguardava para o levar ao navio amarado a mais de uma légua da barra.

Na despedida estiveram presentes o Superior Provincial, dois padres em representação da Congregação e um português que o acompanhou em Manila, que não conseguindo pronunciar nenhuma palavra, todos somente choravam tendo emocionado os próprios chineses. Sebastião Vieira ia disfarçado de marinheiro chinês (não de mandarim), usando roupas, cabelo apanhado e outros aprestos, de tal modo que o próprio não se reconhecia ao espelho mas suportava este disfarce como suportaria o disfarce de japonês ou qualquer outro, por mais vil que fosse, por amor a Deus porque o Senhor também se disfarçou na nossa humanidade por amor a nós.

Com o início do embarque em Manila, Sebastião Vieira ficou entregue nas mãos dos chineses e da Providência Divina.

Conciliando a vontade dos chineses em obterem lucros, a doença do Governador e a ânsia da missão, as ordens instaladas nas Filipinas aproveitaram a oportunidade para embarcar missionários sendo esse ano o que mais religiosos enviou para o Japão, onze no total, depois da expulsão no ano de 1614. Além dos três jesuítas, embarcaram nos vários navios chineses 2 dominicanos, 2 agostinhos, 2 da Congregação de S. Nicolau, que foram martirizados no Japão antes de Sebastião Vieira, 2 franciscanos, que foram presos pouco tempo depois de desembarcarem.



Figura 4 – Macau/Filipinas/Japão

c) A viagem de Manila ao Japão⁴⁰

Sebastião Vieira entrou no navio chinês para ocupar um camarote, como tinha sido contratado, mas, para surpresa sua, fizeram-no entrar por uma escotilha acomodando-o no porão onde eram transportados couros de veado. O intenso mau cheiro e o calor insuportável levaram-no a supor que morreria rapidamente. Mais convencido ficou do seu destino fatal quando os chineses lhe fecharam a escotilha dificultando-lhe ainda mais a respiração. Mas, resistindo a estas dificuldades, conseguiu algum alívio quando os chineses lhe voltaram a abrir as escotilhas durante a noite dando-lhe a oportunidade de colocar a cabeça a arejar. No habitáculo, que também metia água por deficiência de calafetagem, só cabia um corpo curvado, não permitindo permanecer de pé, assemelhando-se mais a um espaço de sepultura.

Após dez dias de viagem com uma dieta diária de uma laranja e um biscoito molhado em água e ainda com a insalubridade da instalação, surgiram-lhe borbulhas provocando má aparência e outras doenças que lhe infligiram muitas dores. Todavia, em nenhum momento se arrependeu de iniciar a viagem

⁴⁰O texto da viagem de Manila ao Japão é o resumo feito por nós sobre o documento de António Franco, Capítulos LVI a LVIII (pp. 157 – 171)

porque, as privações agora sofridas não teriam comparação com os prováveis sofrimentos que o esperavam.

Aos cinco dias de viagem, um japonês segredou-lhe que no mesmo navio seguiam dois franciscanos e um dominicano. Isto desagradou-lhe porque os chineses mais uma vez incumpriam o contrato mútuo que clausulava não poder ser transportado no mesmo navio mais nenhum religioso e se tal acontecesse havia o direito de devolução em dobro do pagamento garantido. A garantia era assegurada por ter sido constituído previamente fiador. Mas as consequências do incumprimento não tinham nenhuma eficácia. Os outros religiosos estavam mais bem acomodados cozinhando mesmo nos espaços comuns mas, em contrapartida, mais expostos a serem descobertos e a provocarem a descoberta de Sebastião Vieira. O dominicano veio falar-lhe e chegaram à conclusão de que metade do espaço do navio estava fretado a japoneses criados de Arimadono. Um dos japoneses dirigiu-se-lhe lamentando a presença dos religiosos mas disponibilizando-lhe ajuda em troca de uma recompensa. Foi paga a colaboração por dez patacas representando um valor elevado para tal serviço. Mas como este japonês estava acompanhado de um outro e tendo-lhe sido também proposta uma recompensa, este recusou qualquer pagamento comprometendo-se a manter o

silêncio. Mas a desconfiança ficou a pairar no ar obrigando a precauções redobradas.

Durante a viagem, um japonês, falando espanhol, convenceu Sebastião Vieira a chamar os outros três religiosos para lhes apresentar o ponto de vista dos japoneses: (i) se desconheciam a língua e cultura japonesas que iam fazer ao Japão? O que iriam fazer se os japoneses não os compreendiam? (ii) Não era admissível que os religiosos desrespeitassem as ordens do Papa e do Rei que os impedia de entrarem no Japão; (iii) se os missionários queriam ser mártires podiam optar pelo martírio em lugares mais próximos como a terra dos Mouros ou nas Filipinas mas não no Japão. Não deviam colocar em risco os japoneses quer no Japão quer nas viagens para o Japão porque quando os religiosos fossem presos colocavam em perigo de vida os companheiros de viagem. Segundo ele, a solução seria deixar os religiosos numa ilha das Filipinas não os deixando entrar no Japão. A estas questões respondeu publicamente Sebastião Vieira começando por dizer que conhecia bem o interlocutor japonês quer pelo nome indígena quer cristão tendo-o ele próprio assistido em confissão. Ainda não refeito da surpresa, o japonês continuou a ser informado por Sebastião Vieira de que não conhecia os outros três religiosos clandestinos e se o soubesse

antes de embarcar não iniciaria a viagem, também desconhecia a presença de um número tão elevado de japoneses e que seria perder tempo regressar a uma ilha das Filipinas porque demorariam cinco ou seis dias devido a estarem muito afastados destas rumo ao Japão.

Os japoneses concordaram em seguir viagem mas teriam de largar os religiosos num porto onde houvesse castelhanos por ser tal decisão mais acertada e segura para todos. Entretanto surgiu uma tempestade nocturna agravada com a aproximação do navio a um rochedo lançando o pânico e a confusão na tripulação e nos passageiros. Se ocorresse o embate, a embarcação desfazer-se-ia em pedaços e ninguém se salvaria, logo, o medo apoderou-se de todos. Um dos religiosos foi demovido de lançar-se ao mar já que era mais seguro permanecer na embarcação. Na aflição, todos quiseram confessar-se a Sebastião Vieira, mesmo os japoneses que não queriam que os religiosos entrassem no Japão prometendo que se escapassem vivos levariam os religiosos ao seu destino e os ajudariam.

Com o amanhecer, a tempestade amainou sendo possível afastar o navio do perigo e regressando a calma. Então, os religiosos foram convidados a celebrar a superação do desafio com uma canja de arroz que foi classificada por Sebastião Vieira

como o maior regalo que teve após deixar Manila. Também deixou de estar acomodado na sua “sepultura”. Todavia, o mar agitado ainda durou dois dias de tal modo que os japoneses optaram por navegar junto à costa da China para encontrarem um porto onde pudessem descansar e esperar por melhores condições marítimas. Mas, Sebastião Vieira não conseguiu dormir a pensar nas consequência da acostagem à China alertando os japoneses para o histórico conhecido de que os chineses aproveitariam a oportunidade para os matar, como era hábito, já que não o podiam fazer dentro do navio. Como não tinham morrido na tempestade marítima, estavam a pôr-se a jeito para morrerem na China.

Os japoneses ordenaram aos chineses para continuarem viagem apresentando a desculpa do tempo ter melhorado. Em contrapartida, os chineses discordaram apresentando com argumento favorável o testemunho de um religioso que seguia no navio e conhecia bem a China. Mas os chineses foram traídos secretamente por um dos seus que alertou os japoneses para a verdadeira intenção que era de os matar a todos em território chinês. Assim, por pressão dos japoneses, os chineses, contrariados, aceitaram seguir viagem.

Sebastião Vieira perdeu o apetite, apesar da oferta de comida por parte dos outros religiosos e dos japoneses. Aceitou comer uma vez por dia arroz e xiro dos japoneses. Contudo, do que ele mais gostou foi de algumas laranjas e de quinze ou vinte castanhas do Japão que ainda lhe restavam na sua “sepultura”.

No dia de Santo Inácio, Patriarca da Companhia de Jesus, avistaram terra que afinal não era japonesa mas da Coreia. Tinham andado à deriva durante três dias aproximando-se do local que não queriam. Sobre esta deriva, surgiu o rumor da intencionalidade dos chineses que queriam fazer na Coreia o que não conseguiram em território chinês: matar os passageiros.

Com todos estas vivências em comum, os japoneses e chineses passaram a conviver com os religiosos e acordaram protegê-los.

Tendo em consideração que os pescadores japoneses abordavam o navio para vender peixe, era preciso esconder os religiosos de estranhos. Os três religiosos permaneciam fechados nos camarotes mas Sebastião Vieira passou a ser escondido num tanque de água vazio onde se entrava curvado e onde não se podia esticar as pernas. Com a tampa fechada, quase morria de calor e de falta de ar e esta péssima solução durou três dias.

Devido às más condições de acomodação, substituíram-na por outra no exterior formando uma tenda com fardos de peles de animais a cujo cheiro pestilento se foi adaptando.

Chegados às ilhas de Goto, os quatro religiosos ficaram escondidos na “sepultura”, que agora albergava quatro em vez de um, para não serem detectadas pela inspecção da autoridade japonesa. Um franciscano e Sebastião Vieira desmaiaram sendo salvos pela intervenção de um chinês que se apercebeu dos apelos de socorro de um dominicano e abriu a escotilha. Os japoneses repreenderam o chinês pelo seu comportamento que os colocava a todos em perigo.

Devido à dificuldade em esconder os religiosos dentro do navio, os próprios japoneses, com o pagamento devido feito pelos religiosos, conseguiram disponibilizar-lhes três guias japoneses e embarcá-los num pequeno barco japonês que se dedicava ao transporte de lenha, obrigando-os a deixar no navio tudo o que pudesse ser entendido como símbolo da religião católica. Sebastião Vieira apenas transportou consigo os breves das Indulgências do Papa e da Congregação.

Sebastião Vieira, pondo os pés na terra japonesa, ajoelhou, beijou e abraçou-a dando graças a Deus (i) por o ter livrado de

todos os perigos e trabalhos, (ii) o ter trazido de volta ao Japão como lhe pedira e desejara e (iii) para se oferecer ao Senhor com alegria para a cruz, o fogo, a catana e todos os outros trabalhos que o esperavam “*representando-se-lhe todos como se os visse com os olhos*”.

d) Pela quarta vez no Japão⁴¹



Figura 5 – Japão

⁴¹ Sebastião Vieira narra a quarta vez que esteve no Japão que é já no início da década de 30 do século XVII. Sabemos que ele foi expulso do Japão em 1614 e que, pouco depois, já nas Filipinas, regressou sob disfarce até 1623. Como nos falta o registo de uma das vezes, é nossa convicção de que até 1614, ele teria ido duas vezes ao Japão para aperfeiçoar a língua e cultura japonesas, para a formação dos jesuítas (ele foi mestre de noviços) e porque a acção dos xoguns ainda era tolerante para com os religiosos devido ao importante papel desempenhado pela Congregação. Ver António Franco, pp. 167 – 187.

Sebastião Vieira entrou pela quarta vez no Japão sendo esta a mais longa, porque vinha de Roma, com mais trabalhos e com mais perigos. A vez em que chegou mais pobre por causa das restrições impostas pelo Governador de Manila e por tudo o resto ter deixado em poder dos chineses no momento do desembarque. Também com pouca saúde e com poucas forças devido à difícil e atribulada viagem e, acrescentamos nós, devido à idade.

Ficou instalado na casa de um pobre cristão onde lhe davam poucas horas de vida mas que, mesmo assim, divulgaram a sua presença que devia ser secreta passando a ser perigosamente pública. Daqui resultou receber muitas ofertas de acolhimento mesmo com o sacrifício da própria vida caso fossem descobertos que acolhiam um padre. Até recebeu uma carta do Padre António que estava preso em Nagasaki mencionando que tinha sido informado da prisão de alguns missionários acabados de chegar ao Japão. A prisão à chegada era rotineira porque os religiosos chegados de Manila não sabiam falar japonês, sendo facilmente referenciados pelos espões. Um dos casos de denúncias às autoridades ocorreu quando os chineses se desentenderam com os dois padres da Congregação de S. Nicolau denunciando-os e indicando a habitação sendo queimados vivos passado pouco tempo contrariando o costume da precedência da prisão.

De seguida, Sebastião Vieira foi acolhido pelo Superior da Companhia na sua pobre casita de palha e, posteriormente, encontrou-se com um seu conhecido português para acabar a fundação de um colégio em Nagasaki que ambos tinham iniciado e que agora se dispunham a terminar. Apesar da sua relutância em deslocar-se a Nagasaki porque distante do local onde estava instalado, motivada pela sua fraqueza física em que se encontrava, achou por bem obedecer por problemas de consciência pois não queria sentir-se culpado se a obra não se realizasse por sua causa e por, outro lado, caso recusasse teria de se encontrar com o Superior e com outro padre. Decidiu pela melhor opção já que não estaria com paciência para o encontro a três.

Sob a sombra do medo generalizado das prisões e das condenações, um chinês que estava preso tentou a sua libertação delatando que no navio de Nangato Senhor dos Estados de Arima tinham vindo de Manila quatro religiosos. Os chineses tinham medo de morrer e demonstravam muita fraqueza perante o martírio porque, segundo Sebastião Vieira, eram gentios, não amavam Deus e não pertenciam ao grupo dos escolhidos por Deus.

Foi mandado prender um dos criados de Nangato que confessou tudo denunciando a entrada de dois franciscanos, de um dominicano e de Sebastião Vieira da Companhia de Jesus. Acrescentou que este já tinha estado no Japão e que regressara de Roma. Foram mandados prender todos os japoneses que viajaram no navio só não conseguindo a prisão de um que tinha acompanhado os religiosos na entrada em terra no Japão. Posteriormente, este entregou-se e sofreu alguns tormentos colaborando na descoberta dos religiosos procurados.

Os cristãos japoneses também foram pressionados para denunciarem religiosos ocorrendo que foram-se acusando mutuamente denunciando que Sebastião Vieira tinha escapado para Saxuma. Contudo, Sebastião Vieira acabara de negociar a compra de uma barquinha em que fugiu com quatro marinheiros japoneses numa viagem que duraria vinte e quatro horas e sem destino devido às condições do mar.

Trocadas as voltas aos perseguidores que já só queriam prender Sebastião Vieira, o líder dos perseguidores ficou irritado por não obter resultados e alterou a modalidade de acção. Difundiu o “mandado de detenção”, prometeu recompensa a quem o denunciasse e ordenou aos seus criados que o procurassem em todos os rios. Colocou ainda como meta o prazo

de quatro anos para consumir a detenção. A partir desta perseguição e atendendo à sua passagem por Roma, as autoridades japonesas passaram a tratar Sebastião Vieira por Romano.

Face à perseguição constante, o jesuíta ficava muito surpreendido por ainda não ter sido capturado pois estando na terra dos perseguidores, ele conseguia vê-los e pressenti-los sem que estes o vissem.

Quando ancorou numa ilha de Arima, vários cristãos o quiseram acolher mas ele recusou para não os colocar em perigo de vida. Estes contrapuseram que foi Deus que o trouxera mas, passado pouco tempo, perceberam o perigo que corriam ao que Sebastião Vieira aproveitou a sua situação para a comparar com a de Jesus. Era época de Natal e também ele não encontrava habitação a não ser um buraco no mato onde se esconder.

Surpreendentemente apareceu Paulo que sem o conhecer o levou para sua casa. Fizeram o trajecto a cavalo desde o porto até casa durante a noite em viagem de uma hora. Sebastião Vieira tremia de frio por ser inverno. Esperava-os Ana, mulher de Paulo, com uma fogueira acesa e com canja quente de arroz que lhe pareceu o melhor manjar que jamais tinha provado. Nesta casa foi

feita a celebração da Festa do Natal com cerca de vinte pessoas a que não faltou o presépio.

Paulo narrou a Sebastião Vieira a sua conversão ao cristianismo. Foi influenciado por um amigo para ir à celebração da Quaresma na Companhia de Jesus. Ficou de tal modo bem impressionado com o valor da fé católica que pediu de imediato o baptismo sendo-lhe trocado o nome japonês para Paulo. A mulher e a enteada de sete anos foram baptizadas porque Deus fez o milagre de curar a menina que continuava enferma apesar de ter recorrido a médicos e à religião japonesa. Ela sarou com o baptismo e passou a chamar-se Maria tornando-se cristã fervorosa. Seguiu-se a conversão da mãe que passou a chamar-se Ana. Paulo ainda conseguiu converter o pai que ficou curado das enfermidades e vivendo mais doze anos após o baptismo.

No primeiro dia de Janeiro, Paulo e outros cristãos confessaram-se e comungaram. Este, durante a missa, olhando para o cálice viu sangue resplandecente. No dia seguinte, que era domingo, voltou a assistir à missa e durante a noite sonhou que na sua casa estava uma cruz. Na segunda-feira, depois da missa, confidenciou com o sacristão que previa aproximar-se a perseguição. Nesse dia, pelas três horas da tarde, foi avisado por um amigo da aproximação das autoridades tendo transmitido o

alerta a Sebastião Vieira e a outro padre que vivia a algumas léguas de distância de que resultou terem escapado os dois à prisão. Sebastião Vieira ficou escondido num buraco já previamente feito na casa. Como Paulo não permitiu que a sua casa ficasse vigiada por guardas, o chefe da povoação levou Ana como refém com o objectivo de lhe motivar a colaboração. Nessa ocasião prenderam muitos cristãos conduzindo-os amarrados uns aos outros em grupos de vinte e de cinquenta pessoas.

Sebastião Vieira saiu da casa de Paulo quando um grupo de cristãos lhe pediu para fugir ao que anuiu embora contrariado porque preferia morrer junto dos cristãos que acabavam de ser presos. Chovia, fazia frio por ser inverno e não havia lugar para onde fugir. Iniciou a fuga de manhã cedo. Despediu-se em lágrimas de Paulo e de Maria (Ana já tinha sido levada como refém) e seguiu a cavalo acompanhado de alguns japoneses. A pouco mais de um quarto de légua foi mandado parar por um grupo de sete a oito homens armados de lanças e de espingardas mas conseguiu disfarçar e passar sem ser descoberto mas com muita dificuldade.

Na noite do dia da fuga em que continuava a nevar e a granizar foi primeiramente recebido na casa de um cristão mas passou a noite na casa de outro por questões de segurança. Nesta

localidade veio a saber que Paulo tinha sido preso e que os homens armados que o tinham abordado no caminho o procuravam para o prender.

Aconselhado por cristãos japoneses por considerarem que o mar seria lugar mais seguro, voltou a embarcar mas antes da partida ainda deu a comunhão numa casa com oito palmos de largura por doze de comprimento.

A barquinha era feita de cinco tábuas e sem nenhuma esteira para se sentar. Tinha um toldo (de canas toscas) que abrigava da chuva, do frio do inverno e do calor do Verão. Permaneceu durante o dia na barquinha porque e era preciso prepará-la logisticamente para seguir para o mar. Novamente recebe a visita de um cristão a informá-lo de que andavam a procura-lo para o prender. Sebastião Vieira, que passou a ser conhecido por Romano, não receava a prisão nem a morte porque Jesus também tido sido preso e morto pelos pecados dos homens. Mas queria cumprir a vontade de Deus não antecipando os acontecimentos. Sofreria cumprindo os planos da Divina Providência.

À pergunta do marinheiro que o acompanhava na fuga respondeu que navegasse sem rumo porque a Providência Divina

se encarregaria de os guiar. Depois de ancorado, chegou à casa de um cristão rico que logo o alertou não o acomodar por muito tempo. Temia pela sua fortuna, pela sua condição, não querendo arriscar o seu estatuto social. Concluiu o Romano que os mais pobres apoiam mais os padres do que os mais ricos por terem menos a perder, por isso, é dos mais pobres mais próprio o Reino dos Céus.

Permaneceu oito dias abrigado no porto, junto a pobres casas, sofrendo o tormento do vento, chuva, frio e neve, com granizo que mais parecia feijões. Aqui e nestas condições estava a escrever o texto da quarta viagem ao Japão dentro da barquinha quando se dá a prisão do Romano sendo levado para o cárcere de Nagasaki. Apesar de não conhecermos a data da prisão, esta foi posterior à data de 18 de Fevereiro de 1633 que consta expressamente a datação na narrativa feita por Sebastião Vieira: *“desta fune [barquinha], entre as ilhas do Japão dezoito de Fevereiro de mil seiscentos e trinta e três. De todos. Sebastião Vieira”*.

Por ordem do xógun foi transferido para a prisão de Yendo, sinal claro da importância deste prisioneiro para o regime japonês. O tio do xógun convenceu-o de que as palavras de Sebastião Vieira eram delírios de um homem falto de juízo e que,

por querer introduzir doutrinas contrárias aos deuses do Japão, devia ser morto.

Sebastião Vieira foi posto num jumento levando uma bandeirinha explicando que a causa da sua morte era ser pregador da Fé de Cristo. Puseram-no dependurado no cruel tormento das covas com mais cinco japoneses que com ele tinham sido presos na embarcação. Esteve três dias dependurado tendo sido queimado ainda vivo e as cinzas lançadas ao mar para que os cristãos não fossem recolhê-las.

Morreu no dia seis de Junho de mil seiscentos e trinta e quatro na Corte e prisão de Yendo sendo jesuíta e Vice-Provincial da Companhia de Jesus e Governador do Bispado.

Atendendo a que a morte de Sebastião Vieira ocorreu a 6 de Junho de 1634 e a prisão em Fevereiro de 1633 concluímos que esteve preso mais de um ano até ser martirizado e queimado.

Realça-se, como complemento a todo o heroísmo, que durante o período da perseguição houve muitos momentos de hesitação e, por várias vezes, o Romano se viu tentado a entregar-se devido à dureza dos desafios. Os jesuítas passavam meses e anos sem estabelecerem qualquer contacto entre eles, sem verem um único religioso para se apoiarem mutuamente. Também o

incomodavam os trabalhos e os pensamentos difíceis de controlar nos períodos de provação. Não se entregou às autoridades japonesas porque algumas pessoas o demoveram confrontando-o com as consequências do seu comportamento para a Fé e para o respeito da Divina Providência. Estas hesitações aumentam valor aos feitos heróicos de Sebastião Vieira.

e) As três cartas do cárcere⁴²

Sebastião Vieira escreveu três cartas enquanto permanecia preso.

Escreveu a Gonçalo da Silveira narrando estarem no cárcere vinte e quatro presos sendo oito cristãos e os restantes por causa das suas culpas. Ao preso era distribuído diariamente uma medida de arroz preto, sal e água quente.

Ao amigo transmitiu que se sentia bem de saúde e aceitando serenamente a Vontade Divina. Rematou: *“Indigníssimo preso e muito agradecido amigo. Sebastião Vieira”*.

Uma outra carta dirigiu-a a Vicente Tavares dando a conhecer os interrogatórios.

⁴² António Franco, pp. 188 – 189.

Foi transportado à casa de um dos desembargadores da corte. Usava as vestes de jesuíta e com os dedos polegares amarrados com cordéis. À chegada, mandaram desatá-lo seguindo para uma sala onde esteve para ser visto porque o Romano suscitava curiosidade. Aqui respondeu às perguntas.

De seguida foi levado para outra sala mais interior onde colocaram tinta e papel para responder às perguntas: (i) por que entrara no Japão violando a lei do xógun; (ii) se pretendia apoderar-se do reino; (iii) que lei pregava. A tudo respondeu por escrito. Retorquiram-lhe que a lei era boa para aqueles que se guiavam por ela e que o xógun os aborrecia mais que aos ladrões, incendiários e homicidas. Assim terminou o interrogatório.

Passados três dias vieram outros dois desembargadores da corte ao cárcere e mandaram colocar-lhe uma corda ao pescoço e nos braços e as mãos atadas atrás.

Ordenaram-lhe que saísse para o pátio, sentar-se numa esteira à semelhança do que faziam com os criminosos. Determinaram-lhe que deixasse a lei que pregava e denunciasses outros que o faziam. Disponibilizaram-lhe papel e tinta para responder.

Respondeu que tinha sessenta e três anos e nestes tinha recebido milhares de graças do Senhor do Céu e da Terra e do xógun só grilhões, tormentos, cárcere, sendo um homem mortal como ele. Que pela fé que pregava o atormentasse como quisesse. Os dois inquisidores informaram que iriam transmitir as respostas ao xógun.

Passados dois dias, trouxeram-lhe tinteiro, papel e pena para rapidamente escrever o que tinha para dizer.

Durante catorze horas fez um arrazoadado dos mistérios da fé desde a criação do mundo até ao juízo final na língua e letra do Japão. No cumprimento da ordem recebido, o arrazoadado também foi escrito em português.

Despediu-se: “*Indigníssimo preso pela fé. Sebastião Vieira*”.

A terceira carta não tem destinatário conhecido mas acrescenta-nos alguma informação.

Escreveu que todos os presos estavam como grande ânimo para padecer todos os tormentos do mundo pela Santíssima Fé, desconhecendo o dia e a hora, mas que dará a vida por quem a deu por ele.

Realçou que não pregou escondido e que com as vestes passeou pelas ruas de Yendo como Religioso da Companhia de Jesus como em tempos pacíficos eram conhecidos e venerados os jesuítas. E “*não posso pagar a Deus com uma vida, poucas eram centos delas, poucos milhares de corpos para O servir para merecer tão assinalada*”.

Terminou escrevendo: “*Sete de Abril de mil seiscentos e trinta e quatro. Indigníssimo preso. Sebastião Vieira*”.

f) As manifestações de reconhecimento

Segundo o Padre Carlos Caria, actual pároco da Igreja Matriz de Castro Daire, Sebastião Vieira mantém-se presente e vivenciado na comunidade paroquial castrense. Testemunham-no vários símbolos dentro e fora do edifício da igreja e a evocação anual nas festas em honra de São Sebastião. Também o testemunham a posição favorável do Bispo da Diocese de Lamego contribuindo para continuar viva a memória do jesuíta na área diocesana e fora desta, nomeadamente, com aspiração na beatificação, e ainda continuar em aberto o processo na Congregação para a Causa dos Santos, em Roma. Todavia, desconhece-se a relevância do assunto para a Companhia de Jesus e para a diocese de Macau que, em primeira mão e em tempos

idos, enviaram o relato do martírio para Roma. Seria importante e oportuno ampliar a adesão à causa do mártir castrense cuja memória está circunscrita localmente em termos geográficos e com pouca relevância no âmbito teológico e histórico.

Este pároco é depositário do relevante trabalho desenvolvido pelo Padre Mário de Almeida Mendes que, para comemorar os 350 anos sobre a data do martírio, organizou um seminário na Escola Preparatória de Castro Daire no dia 06 de Junho de 1984 contando com a participação do Cónego Manuel Gonçalves da Costa. Posteriormente, alguém informou a existência de um óleo sobre tela representando Sebastião Vieira exposto no Museu dos Mártires de Nagasaki disponibilizando a fotografia para testemunho e para divulgação. No Ano Jubilar 2000, a Paróquia de S. Pedro, Castro Daire, difundiu uma pequena pagela desdobrável de 4 páginas contendo o resumo da história da vida de Sebastião Vieira, extraído da História de Lamego do Cónego M. G. da Costa, sendo que a primeira página era ocupada com a imagem do óleo sobre tela existente no Museu de Nagasaki e que nós divulgamos neste documento na imagem n.º 9.

O Padre Mário Mendes, em 30 de Abril de 1984, solicitou informações à Embaixada do Japão em Portugal sobre Sebastião

Vieira tendo recebido resposta datada de 07 de Maio de 1984, assinada pelo 2.º Secretário, Shigehiro Takeuchi, esclarecendo que o nome da cidade de Tóquio tinha sido Yedo mas nada poderia acrescentar sobre Sebastião Vieira remetendo consulta para obras publicadas: *“Japan of Today e História Cultural do Japão”*.

Das manifestações de reconhecimento destacamos o monumento, a toponímia e o óleo sobre tela no Museu de 26 Mártires em Nagasaki.

f.1 – O monumento no Largo da Igreja Matriz de Castro Daire

Segundo o Padre Carlos Caria, o monumento que pode ser admirado no Largo da Igreja Matriz, Paróquia de S. Pedro, é o resultado da conciliação entre os factores económicos, simbólicos e de tratamento digno. A proposta mais onerosa destacava claramente o busto do jesuíta. A mais económica era a fixação de uma placa com o busto trabalhado em alto- relevo. A localização do monumento também foi discutida e ponderados vários factores, nomeadamente, da segurança. Garantiu-se o simbolismo, a segurança, a proximidade e a visibilidade.

Em boa-hora os castrenses juntaram esforços para a construção de um monumento evocativa da memória de Sebastião Vieira.



Figura 6 - Monumento a Sebastião Vieira.

Sobre o monumento, transcreve-se o texto disponível (21/2/2017) na página da internet da Direcção Regional de Cultura do Centro (DRCC) por entendermos que não carece de outra ancoragem comunicacional da nossa parte:

“Autor: Manuel Vaz.

Localização: Castro Daire, Freguesia de Castro Daire, Largo da Igreja de Castro Daire.

Data da inauguração: 23 de Janeiro de 2005.

Promotor: Padre Carlos Caria.

Materiais: Bronze.

Dimensões: 4,00mX1,20mX0,40m;

Descrição: Nesta peça o mestre escultor Manuel Vaz concilia o gosto naturalista e o espírito clássico com um conceito plástico modernista. Procurou em termos compositivos organizar o elemento figurativo com a forma geométrica, estabelecendo um paralelismo entre o braço esquerdo e a hipotenusa do triângulo, uma vez que em causa está um triângulo rectângulo, e a verticalidade da representação do corpo com a do cateto. Optou por não colocar qualquer pedestal, a peça arranca da relva sem necessidade do referido elemento pois se existisse, tornaria aquele volume muito mais preso ao solo. Resulta, assim, uma harmónica convivalidade entre a peça, o espaço urbano e o público anónimo de todos os dias.

O triângulo é um símbolo de harmonia, de transcendência e no caso da religião cristã remete para a Santíssima trindade, para o número três, para a figura masculina. Plasticamente é uma forma extremamente dinâmica, mas ao mesmo tempo estável, firme, ascensional, que em conjugação com a figura humana reforça essa projecção no espaço.

Historial: O Padre Sebastião Vieira, mártir, natural de Castro Daire, séc. XVII, foi missionário pela Companhia de Jesus e faleceu no Japão (1634).

Projecto da iniciativa do pároco de Castro Daire, Padre Carlos Caria, desenvolvido com o apoio da fábrica da Igreja e do Município de Castro Daire.

Padre Sebastião Vieira, famoso jesuíta autor de vasta bibliografia, missionário do Padroado Português do Japão, que morreu queimado vivo em Yedo a 6.6.1634, foi mestre de Noviços e procurador da Província de Macau, missionou nas Filipinas (1614) e em 1623 foi eleito para ir a Roma como procurador da Província Japonesa, onde chegou em 1626 e foi acolhido da melhor forma pelo papa Urbano VIII. Em 1629 voltou ao Oriente, levando 23 jesuítas de várias nacionalidades. Em 1632 voltou a entrar no Japão, como administrador do bispado. Em 1633 foi mandado

prender pelo imperador nipónico, que o condenou à morte por suplício e, após três dias de martírio, foi queimado vivo.

Bibliografia: informações cedidas pelo escultor Manuel Vaz”.

O monumento tem enquadramento e tem proximidade facilitados pelos trabalhos do escultor e do arquitecto municipal. A ausência de pedestal posiciona Sebastião Vieira mais próximo dos visitantes e também mais fácil de sair da estrutura do monumento pondo de imediato os pés na relva. O verde da relva, o espelho de água com as três pranchas que o sobrepõem e o repuxo, a sombra das árvores e dos edifícios convidam à utilização dos bancos em granito, ao usufruto ambiental e à contemplação. A imaginação poderá conduzir-nos a vermos Sebastião Vieira colocar os pés no verde de Castro Daire e avançar para as águas agitadas que separam Portugal do Japão rodeado pela observação e indiferença simbolizadas pela presença dos bancos de granito.

A Câmara Municipal, na Acta n.º 23/2004, de 25 de Novembro, concedeu um subsídio à Fábrica da Igreja Paroquial de Castro Daire no valor de €35.000,00 (consta cópia em anexo). Também o município suportou os arranjos envolventes, de autoria do arquitecto municipal.

f.2 – A Rua Padre Sebastião Vieira

Segundo o Padre Carlos Caria, Sebastião Vieira teria nascido numa casa, de que não restam vestígios, que se situaria na área ocupada pela rua que agora tem o seu nome. Apesar de termos tentado confirmar esta informação, nomeadamente no Arquivo Municipal, não encontramos documentação de suporte.

A Câmara Municipal, em Acta de Reunião Ordinária de 12 de Março de 1987, aprovou a versão final da toponímia proposta pela Comissão eleita pela Assembleia Municipal, transcrevendo-se o n.º 46.º da toponímia. “A Rua que vai desde o Largo Eugénio Farinha até à Avenida 5 de Outubro, chama-se Padre Sebastião Vieira.

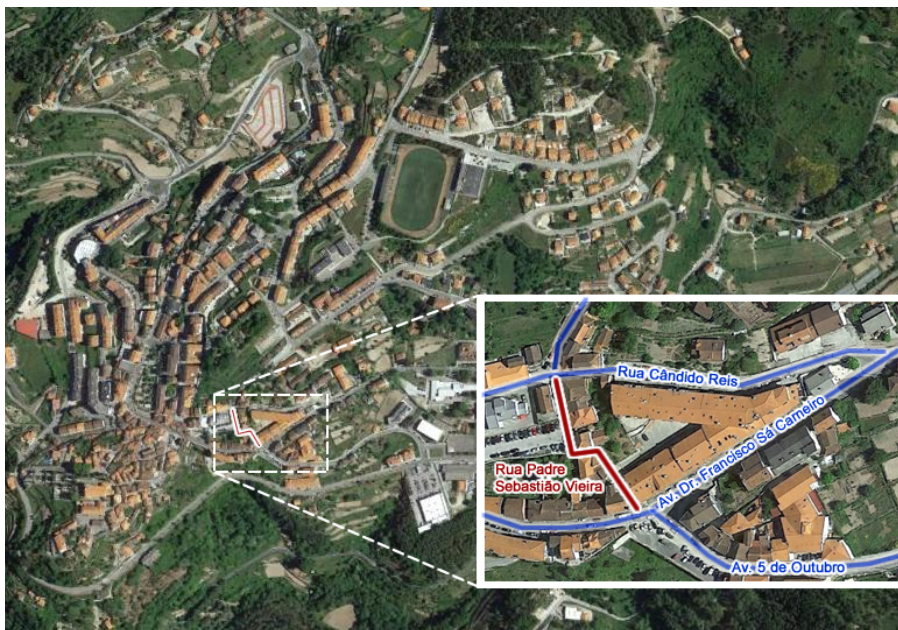


Figura 7 - Rua Padre Sebastião Vieira

No local, confirmamos existir a placa com especificidades acrescentadas à toponímia facilitando o conhecimento da personagem e que são: “*Rua Padre Sebastião Vieira. Jesuíta Castrense Séc. XVII. Mártir do Japão*”.



Figura 8 - Placa toponímica Sebastião Vieira

f.3 – Óleo sobre tela em Nasagaki

J. Correia Duarte escreveu na Voz de Lamego que no Museu dos Mártires, em Nagasaki, existe um óleo sobre tela (séc. XVII) em que se destaca a imagem de Sebastião Vieira e que nós reproduzimos neste espaço⁴³. Este escrito está em sintonia com a informação que nos foi dada pelo Padre Carlos Caria e que já foi referida anteriormente. Também já referimos que esta imagem foi publicada na pagela do Ano Jubilar 2000 pela Paróquia de S. Pedro, Castro Daire.

⁴³Através de e-mail, de 02 de Abril de 2017, para o Centro Cultural Português em Tóquio foi solicitada informação sobre a existência de uma tela a óleo sobre Sebastião Vieira e sua exposição pública em Nagasaki. A resposta demorou um dia propondo que o pedido fosse feito ao Director do Museu dos 26 Mártires em Nagasaki, Padre argentino Renzo De Luca. <http://www.26martyrs.com/>

Figura 9 - Óleo sobre tela de Sebastião Vieira

g) – A beatificação

O jesuíta António Franco deu-nos a conhecer que no ano de 1627, Sebastião Vieira encontrou-se em Roma com o Superior Geral da Companhia e depois com o Papa Urbano VIII a quem apresentou a difícil vida da Igreja no Japão, nomeadamente as perseguições e os martírios. Para imprimir mais ênfase e realismo à comunicação, mostrou ao pontífice uma catana ensanguentada utilizada para degolar alguns mártires. A qualidade da narrativa

do jesuíta levou a que o Papa ordenasse que fossem satisfeitos todos os seus pedidos e nada lhe podendo ser negado sem consulta prévia da vontade pontifícia. Na despedida, e é este ponto que queremos destacar, o Papa disse a Sebastião Vieira:

“Ide, que se padecerdes a morte, eu vos prometo de vos declarar por Mártir na Igreja de Deus”.

A gloriosa morte foi autenticada para seguir o caminho da beatificação. Contudo foi preciso refrescar novamente a memória da vida do mártir e do processo já iniciado. Assim, do catálogo sobre os Jesuítas na Ásia consta: *“Auto que mandou fazer o Senhor P.e Luiz Borges, Deão da Sé de Mallaca Governador deste Bispado da China sobre huma petiçam que apresentou o P.e António Cardim da Companhia de Jesus para se fazer o Processo do Martyrio do P.e Sebastiam Vieira da Companhia de Jesus que no Reyno de Jappam deo a vida pola Fê, e propagação do Sagrado Evangelho [truncado, pertence fls. 71 – 88 (3.º); 95 – 118 (2.º); 1.º:] [fl. 187].”*⁴⁴

Segundo o Pe. João Carlos Morgado, natural de Castro Daire e Pró-Vigário Geral na diocese de Lamego no ano de 2007, na sua deslocação a Roma aquando das comemorações dos

44 Jesuítas na Ásia. Catálogo (ver bibliografia deste trabalho), vol. I, 4475.1637 [30, Códice – 49-V-12], p. 284.

cinquenta anos do lançamento da primeira pedra do Seminário de Lamego, e após audiência com o papa Bento XVI, foi informado pelo Prefeito da Congregação para a Causa dos Santos, o português Cardeal Saraiva Martins, que o Pe. Sebastião Vieira poderia vir a constar na lista de beatificação colectiva de mártires do Japão havendo andamento favorável na avaliação da causa. Também o bispo de Lamego D. Jacinto se mostrou apoiante na causa de beatificação do mártir jesuíta castrense. Todavia, no dia 24 de Novembro de 2008 ocorreu a beatificação de 187 mártires do Japão e o nome de Sebastião Vieira não foi incluído na lista dos beatificados.

Apesar da vontade papal dada a conhecer ao jesuíta no ano de 1627, da proposta do Pe. António Cardim e do processo existente na Congregação para a Causa dos Santos, estamos no ano de 2017 e Sebastião Vieira continua a aguardar a sua vez de beatificação tendo passado quase quatro séculos após a promessa pontifícia e o martírio por causa da propagação da Fé Católica.

Sobre este tema vamos repescar as palavras de Sebastião Vieira diferenciando a teoria da prática com aplicação directa ao adiamento na beatificação. Disse ele *“Mas creia-me vossa Reverência que esta filosofia de andar assim padecendo sem ter*

*um palmo de terra onde descansar os pés nem um buraco onde esconder o corpo, é muito diferente do que se aprende nas escolas e se medita nos cubículos. Vossa Reverência porém com os demais se façam ministros muito aptos para virem continuar com estes trabalhos, que os que cá andamos não podemos durar muito neles*⁴⁵. E de António Franco quando escreveu: “*Sua gloriosa morte se autenticou em ordem à sua canonização. 15 – Dele tratam os Padres Bartolomeu Guerreiro e António Cardim nos seus elogios. Padre Alegambe nas mortes ilustres. Padre Matias Taner nos Mártires da Companhia. Padre Eusébio no quarto tomo dos varões ilustres. O Padre Nadafi no Annus dierum. O Agiologia Lusitano. A Relação acima referida de seus muitos trabalhos se guarda manuscrita no cartório da Índia no Colégio de Santo Antão em Lisboa*”⁴⁶. Mas também de José Maria Braga o classificou de herói da fé no Japão⁴⁷.

Pela nossa parte, continuaremos a seguir o processo de beatificação e a motivar o comportamento interventivo da Companhia de Jesus, da Diocese de Macau e da Diocese de Lamego com vista à dinamização dos trabalhos no processo de beatificação junto da Congregação para a Causa dos Santos.

45 António Franco, p. 186.

46 António Franco, p. 190.

47 José Maria Braga, p. 540, nota 17.

Faremos reconhecimento e apoio ao trabalho das entidades locais que mantêm viva a memória do mártir conterrâneo e que almejam vê-lo colocado nos altares como justo e merecido reconhecimento religioso.

5. NOTA CONCLUSIVA

Sebastião Vieira nasceu em Castro Daire a 20 de Janeiro de 1572. No ano de 1580 iniciou-se em Portugal o reinado dos Filipes que durará para além da data da morte deste jesuíta. Com 19 anos de idade, a 3 de Fevereiro de 1591, ingressou no Colégio Jesuíta de Coimbra passando depois para o Colégio de Évora para estudar 4 anos de Teologia. No ano de 1602, já com 30 anos de idade, navegou de Lisboa até Goa. Em Macau desempenhou as funções de Mestre de Noviços e, simultaneamente, aprendeu a língua e culturas japonesas.

Posteriormente e tomado pelo espírito missionário, entrou no Japão de onde foi expulso, com outros missionários, no ano de 1614 rumando às Filipinas.

Em Manila permaneceu o tempo mínimo para arranjar o disfarce que lhe permitiria a entrada clandestina no Japão.

No ano de 1623, a Congregação Provincial elegeu-o para se deslocar a Roma onde chegou no ano de 1627 para o encontro com o Padre Geral e com o Papa Urbano VIII aos quais narrou as perseguições e os martírios dos cristãos por causa da defesa da fé.

Para dar mais dramatismo à narrativa, entregou a Sua Santidade uma catana ensanguentada utilizada para degolar cristãos defensores da fé.

Fez o trajecto por terra desde Roma até Lisboa onde embarcou pela segunda e última vez até ao Japão passando por Goa, Macau e Manila. No Japão, tomou conhecimento, já na prisão, da apostasia de Cristóvão Ferreira vindo a substituí-lo nas suas funções de Vice-Provincial. Com a sua prisão durante meses e martírio de três dias, Sebastião Vieira acabou queimado ainda vivo e as suas cinzas lançadas ao mar no dia 6.6.1634 para não serem recolhidas pelos cristãos.

No ano de 1635 celebrou-se festivamente a sua morte em Macau cuja grandeza das cerimónias serviu de referência para as que foram realizadas aos elementos da Embaixada Mártir que partiu de Macau.

São da sua autoria os seguintes documentos: (i) Carta Anual do Japão de 1613; (ii) narrativa da viagem de Macau a Manila e daqui aqui ao Japão; (iii) três cartas escritas no cárcere e (iv) Compêndio da Fé Católica, em japonês e em português.

Sebastião Vieira conviveu no Japão e em Macau com o jesuíta João Rodrigues, natural de Sernancelhe, mais conhecido

por Intérprete. Conviveu no Japão com Cristóvão Ferreira, natural de Torres Vedras, mais conhecido por ter apostatado para não suportar o martírio.

O poder do nosso “*herói*” decorre das suas características pessoais determinado a vencer as dificuldades mas também por pertencer a uma instituição religiosa com prestígio, bem organizada hierarquicamente, com elevada formação académica e religiosa. Se a organização é muito importante, também temos de reconhecer o valor de cada jesuíta na dinamização e construção da Companhia de Jesus. A organização molda as pessoas mas estas fazem a diferença. Ele é bem a imagem de lutador, de líder e defensor de ideais.

Passados vários séculos sobre a sua morte, é importante realçar que o tema da defesa de fé é actual e relevante, as perseguições e intolerâncias religiosas continuam na ordem do dia, os desafios da globalização de culturas, do valor de Judas no evangelho e da catequese (testemunhar no exterior o que nos vai no interior) têm carácter permanente. Estes temas mantêm-se presentes na memória dos castrenses, dos romancistas, dos realizadores cinematográficos e dos académicos.

Relativamente ao reconhecimento prestado pela Igreja Católica a Sebastião Vieira, a sua beatificação indispensável à subida à canonização, apesar de ser prometida pelo Papa Urbano VIII: *“Ide, que se padecerdes a morte, eu vos prometo de vos declarar por Mártir na Igreja de Deus”*, a sua beatificação continua a aguardar na agenda da Congregação para a Causa dos Santos sendo sinal de que o assunto não passou, valha-nos este alento, ao patamar do esquecimento e que as decisões eclesiásticas nem sempre são fáceis nem ágeis.

Sebastião Vieira foi resistente e persistente em vida como o é depois de ter desaparecido porque continua a aguardar heróica e calmamente pela sua beatificação e reconhecimento da Igreja em Roma.

Sebastião Vieira é recordado no Museu dos Mártires de Nagasaki num óleo sobre tela, na toponímia com a atribuição do seu nome à Rua Padre Sebastião Vieira e com o monumento que lhe foi erigido no Largo da Igreja Matriz de Castro Daire. Também é recordado, no mínimo anualmente, pela Paróquia de S. Pedro, de Castro Daire.

Sobre este mártir acrescentamos que lembrar é trazer o passado para o presente e construir o futuro. Recordar Sebastião

Vieira é honrar um ser humano que deu a vida por valores em que acreditava apesar de ter de passar pelo martírio e pela morte. Honrar é dar sinais claros do reconhecimento que, neste caso, se traduzem numa estátua, no nome de uma rua e nos vários escritos já publicados. Sentir orgulho é reconhecer o valor do sangue dos castrenses na construção do futuro e na consonância do pensamento com a acção.

Atendendo ao conteúdo do livro de Shusaku Endo “Silêncio” e do filme de Martins Scorsese com o mesmo nome e confrontando as duas narrativas sobre o mesmo tema com os documentos escritos por Sebastião Vieira, nomeadamente a narrativa da viagem de Macau a Manila e daqui ao Japão e das três cartas que escreveu no cárcere, será fácil concluir que há muitas coincidências nos conteúdos. Deixam de coincidir na construção do herói da narrativa na medida em que Sebastião Vieira levou a defesa da Fé Católica até ao sacrifício da própria vida enquanto Shusaku e Scorsese optaram por destacar o comportamento de Sebastião Rodrigues que, apoiado pelo apóstata Cristóvão Ferreira, decidiu-se por salvar a sua vida e a de outros cristãos em detrimento da defesa incondicional da Fé.

6. BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Flávio dos Santos, Bispo Noronha de Reriz, Castro Daire. Um bispo esquecido? in Notícias de Castro Daire, // 2016, pp.
- AZEVEDO, Padre Cândido, *P.E João Rodrigues TÇUZZO*, Edição da Câmara Municipal de Sernancelhe, data (?)
- BORGES, Charles J, *The portuguese jesuits in Asia: Their economic and political networking within Asia anda with Europe*, in, A Companhia de Jesus e a Missionação do Oriente, Brotéria – Revista da Cultura e Fundação Oriente, Lisboa, 2000, pp. 203 - 224.
- BRAGA, José Maria, *Jesuítas na Ásia*, Fundação Macau, Universidade de Macau e Instituto Politécnico de Macau, Macau, 1998.
- CAMPOS, Mário David, “ *Scorsese fez um dos melhores filmes de sempre sobre a fé*”, in revista Visão, n.º 1244, 5/1 a 11/1/2017, p. 58.
- CARDIM, António Francisco, *Elogios e Ramalhetes de Flores Borrifado com Sangue dos religiosos da Companhia de Jesus*, Lisboa, 1650, pp. 214 - 223
- CARVALHO, Abílio Pereira de, *O Vínculo de Sebastião Vieira (Castro Daire)*, Edição da Câmara Municipal de Castro Daire, 1985.

- CASTELO, Cláudia, *Os anos cruciais nas relações Luso-Nipónicas. 1597, o primeiro martírio*, in Oceanos, n.º 15, Setembro de 1993, pp. 64 – 70.
- CASTRO, Aníbal Pinto de, *De Montemor-o-Velho às Ilhas do Japão: a peregrinação de Fernão Mendes Pinto e o encontro de culturas*, in Oceanos, n.º 15, Setembro de 1993, pp. 35 – 43.
- CHIESLIK, Hubert, S. J., *The Case of Christovão Ferreira*, in Monumenta Nipponica, vol. 29, n.º 1, ano de 1974, pp. 1 – 54 (Cristóvão Ferreira pdf).
- COSTA, João Paulo Oliveira e, *A crise financeira da missão jesuítica do Japão no início do século XVII*, in, A Companhia de Jesus e a Missionação do Oriente, Brotéria – Revista da Cultura e Fundação Oriente, Lisboa, 2000, pp. 235 – 246.
- COSTA, M. Gonçalves, *História do Bispado e cidade de Lamego*, vol. IV, Diocese de Lamego, Lamego, 1984.
- DUARTE, J. Correia, *Pessoas ilustres, factos importantes ... A propósito do “Silêncio”, Pe Sebastião Vieira de Castro Daire*, in Voz de Lamego, 10 de Janeiro de 2017, p. 7.
- DUARTE, J. Correia, *Pessoas ilustres, factos importantes ... Mais uma vez o “Silêncio” e o P. Sebastião Vieira*, in Voz de Lamego, 17 de Janeiro de 2017, pp. 8 – 9.
- ENDO, Shusaku, *Silêncio*, 4.^a edição, D. Quixote, Lisboa, 2017.
- FERREIRA, Leonídio Paulo, *O catolicismo foi crucial para manter uma presença portuguesa na Ásia*, in Diário de Notícias, 22DEZ2016, pp. 30 – 31.

- FOIS, Mario, *A Igreja europeia na época da fundação da Companhia de Jesus*, in, *A Companhia de Jesus e a Missionação do Oriente*, Brotéria – Revista da Cultura e Fundação Oriente, Lisboa, 2000, pp. 15 – 34.
- FRANCO, António, *Imagem da Virtude em o Noviciado*, Livro I, Évora, 1719, pp. 154 – 190.
- FRANCO, José Eduardo, e FIOHAIS, Carlos, *Jesuítas Construtores da Globalização. Uma História da Companhia de Jesus*, Clube do Coleccionador dos Correios, Lisboa, 2016.
- GARCIA, José Miguel, *Contradições e diferenças de costumes entre a Europa e o Japão no século XVI*, in *Oceanos*, n.º 15, Setembro de 1993, pp. 44 – 47.
- GONÇALVES, Nuno da Silva (coordenação), *A Companhia de Jesus e a Missionação do Oriente. Actas do Colóquio Internacional (1997) promovido pela Fundação Oriente e pela Revista Brotéria*, Brotéria – Revista da Cultura e Fundação Oriente, Lisboa, 2000.
- LEÃO, Francisco G. Cunha (coordenação), *Jesuítas na Ásia. Catálogo e Guia*, Vols. I e II, Instituto Cultural de Macau, Instituto Português do Património Arquitectónico/Biblioteca da Ajuda, 1998.
- LEITÃO, Ana Maria Ramalho Prosérpio, *Os anos cruciais nas relações Luso-Nipónicas. 1623 o afastamento*, in *Oceanos*, n.º 15, Setembro de 1993, pp. 72 – 78.
- LOPES, António, *História da Província Portuguesa da Companhia de Jesus*, in, *A Companhia de Jesus e a Missionação do Oriente*,

Brotéria – Revista da Cultura e Fundação Oriente, Lisboa, 2000, pp. 35 – 52.

- LOPEZ-GAY, Jesús, *Métodos Misioneros em el Japón del siglo XVI*, in, A Companhia de Jesus e a Missionação do Oriente, Brotéria – Revista da Cultura e Fundação Oriente, Lisboa, 2000, pp. 103 – 116.

- LUCAS, Isabel, *Ao Ritmo da dúvida como nas marés*, in caderno do Público (Ípsilon), 20 de Janeiro de 2017, pp. 4 – 8.

- MACHADO, Diogo Barbosa, *Biblioteca Lusitana*, tomo III, pp. 704 – 705.

- MARTINS, Luís Almeida, *O Sabre e a Sotaina*, in revista Visão, n.º 1244, 5/1 a 11/1/2017, pp. 50 – 57.

- MICHEL COOPER, S. J., *Rodrigues, o Intérprete. Um jesuíta português no Japão e na China do séc. XVI*, Quetzal Editores, 2004

- MORGADO, João Carlos, Seminário de Lamego peregrinou por lugares santos em Roma, in Voz de Lamego, 17 de Julho de 2007, p. 6.

- OLIVEIRA, Luís Miguel, *O cinema português com os olhos no Japão*, in caderno do Público (Ípsilon), 20 de Janeiro de 2017, p. 13.

- PINTO, Ana Fernandes, O silêncio no diálogo entre Portugal e o Japão, in caderno do Público (Ípsilon), 20 de Janeiro de 2017, pp. 11 – 13.

- PIRES, Benjamin Videira, *A Embaixada Mártir*, 2.ª edição, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1988.

-RIBEIRO, Pe Armando, *A propósito do livro de Shusaku Endo do «Silêncio» à palavra*, in Voz de Lamego, 17 de Janeiro de 2017, p. 9.

- RODRIGUES, Simão, *Memórias Fundacionais e Outros Escritos*, Editora Apostolado da Oração, Lisboa, 2010.

- SALEMA, Isabel, *Rejeitar Deus*, in caderno do Público (Ípsilon), 20 de Janeiro de 2017, pp. 9 – 10.

- TOIPA, Helena Costa, *Padre Sebastião Vieira, sob a Palma do Martírio. A companhia de Jesus*, in Máthesis, 19 2010, pp. 37 – 53. (internet: pdf Padre Sebastião Vieira sob a palma do martírio, 21 de Fevereiro de 2016).

VOGEL, Christine, *A guerra aos jesuítas. A propaganda antijesuítica do Marquês de Pombal em Portugal e na Europa*, 1.^a edição, Temas e Debates – Círculo dos Leitores, Lisboa, 2017.

- Arquivo e Biblioteca Municipais de Castro Daire

7. ANEXOS

- Elogio LXXX do Padre Sebastião Vieira (8 páginas)
- Elogio LXXXI de cindo irmãos japoneses companheiros do Padre Sebastião Vieira (2 página).
- Acta n.º 23/2004, de 25 de Novembro, da Reunião Ordinária da Câmara Municipal de Castro Daire onde é concedido um subsídio à Fábrica da Igreja Paroquial de Castro Daire o valor de €35.000,00 para o monumento ao Padre Sebastião Vieira (2 páginas).
- Acta da Reunião Ordinária da Câmara Municipal de Castro Daire, de 12 de Março de 1987, sobre a atribuição toponímica n. 46 – Padre Sebastião Vieira (6 paginas).

**ELOGIOS,
E RAMALHETE
DE FLORES BORRIFADO
COM OS ANGVES DOS RELIGIO-**

*fos da Companhia de Iesu, a quem os
tyrannos do Imperio de Iappaõ
tiraraõ as vidas por odio
da Fè Catholica.*



COM O CATALOGO DE TODOS
*os Religiosos, & seculares, que por odio da mes-
ma Fè foraõ mortos naquella Imperio,
atê o anno de 1640.*

PELO PADRE ANTONIO FRAN-
cisco Cardim da Companhia de Iesu, Procura-
dor geral eleito a Roma pela Prouin-
cia de Iappaõ, natural de Viana
de Alentejo.

EM LISBOA.

Com licença da S. Inquisição, Ordinario, & Paço.

Por Manoel da Sylva, anno 1650.

ELOGIO LXXX.

DO PADRE SEBASTIÃO

VIEIRA.

Illustres cō vossa presença, & saís valeroso a theatro, grande Sebastião, gloria de vossa patria. Castro Dairo, honra de Portugal, segundo Sol do Oriete, salvação dos Reynos de Iappão; este vos honrou, & afamou com o sobrenome de Romano, & creyo que consentio Roma na nomeação, porque por ella, & por dilatar sua magestade padeceste infinitos trabalhos, o illustre Romano. Que ilhas apartadas do commercio humano não descubrio? Que cabos, & Promontorios, que mares infames com monstros, & violentos com ondas não navegou? Não hauerá parte no Oceano, Persico, Arabico, Siriacco, Iapponico, que não adoçasse o salgado de suas ondas com sua vista: nenhuma praya que não humedecesse com seus suores: nenhuma barbaria a quem não amansasse sua doutrina diuina. Em toda a parte fameou a Fé Romana, principalmente nos campos de Iappão, regados com seu sangue deu fruto do brado, colhendo as louras, & sermoas espigas, & bem afeoadas fcaras de Christo.

Pouco he que Roma festeje a hum varão engrandecido com seu nome; esperamos todos, que em algũ tem-

Ee

Pp

215 *Elogios dos Martyres da Companhia de Iesu*

po ditoso o ponha no numero, & lustroso esquadrão de gloriosos Martyres; porque assim o prometteo com oraculo de viva vox o Summo Pastor Urbano VIII. orado diante delle das cousas da Igreja militante de Iappão.

No anno de mil seis centos & dous passou ao Oriente o Padre Sebastião Vieira, varão de generoso coração, cujo espirito anhelava sempre a cousas grandes. Quatro vezes entrou em Iappão, aonde não he facil de cõtar quantas almas assinaladas com o sangue do Cordeiro maldou pouoar as cadeiras do Ceo; & quantos idolos fez derrubar, & pizar aos pés. No principio quando se começou a atear o fogo da perseguição de Daifusama foi desterrado pera a Manila, mas voltou logo, esportado a charidade, & desejo do martyrio. Depois disto foi mandado por seu superior a Macao, donde no mes de Dezembro do anno de mil seis centos vinte & tres, em que ouve congregação geral, foi eleito Procurador, & mandado a Roma, a que encheo de admiração, não só àquelle sagrado Consistorio de eminentissimos Cardeaes, mas a todo o povo Romano, & a toda Italia. Teue hũa oração eloquentissima ao Pontifice Urbano VIII. a quem de tal maneira representou as atrocissimas pelejas dos Christãos, & seus tormentos, que o piadoso Pontifice não pode ter mão nas lagrimas; & depois o tornou a enuiar cheio de graças, & rico de indulgencias pera todo Iappão.

Levou consigo pera o Oriente a flor da juventud de toda Europa, pisando, & sopeando a enueja, vécidas depois de hũa arribada molesta as salgadas ondas, aportando cõ ella a Macao com prospera viagem. Ali deixou a seus companhei-

panheiros como a que finhas ainda em penugem aos quaes elle com as azas estendidas á maneira de Aguiã, prouocou a voar, em quanto faindo de sua vista entrou em Iapão: logo ouue o rumor de sua entrada, & o tyranno diuidio ligeiros soldados, que tomassem os caminhos, & outros que pelas cidades andassem pesquisando os restos de todos; & pera sair com seu intento espalhou pelas cidades varios retratos do Padre Sebastião, huns no pincel em lamina, & outros em papel, & desta maneira o tyranno, contra sua vontade honrou ao Padre, em quanto quiz que com pincel, & em laminas de bronze se retratasse aquelle insigne varão, a quem a Igreja Romana ainda não veneraua como Santo, nem canonizara por glorioso Martyr.

Sabedor destas filadas o grande Sebastião, deixou a terra firme, & engolfouse no mar, não tanto por medo do tyranno, quanto pera refrigerar o incendio de sua charidade; mas tambem com elle o tyranno se precipitou no mar, & lançadas suas redes nos mares de Olaca, tirou no longo hũa perola mais preciosa que as de todo o Oriente. Pulaua a tyrannia de prazer nos peitos dos ministros deshumanos, & brandindo as lanças, & esgrimindo as catanas em sinal de alegria, se dauão huns aos outros os parabens por tomarem aquella tam preciosa presa Romana; mas muito mais em dobro se alegrava o Padre Sebastião Vieira esperando que nas mãos daquelles, como nas rodas dos lapidarios, hauia de alcançar levantados quilates pera ser digna joya da mão de Deos, dando sua vida gloriosamente por sua Fè. Logo o leuaraõ aos trô-

213 *Elogios dos Martyres da Companhia de Iesu*

cos de Nangasachi, & Vomura com cinco companheiros que tinha admittido á Companhia de Iesu, como Vice-provincial della.

Escassamente tinha chegado à Corre de Yendo quando tocou a trombeta sagrada do Euangelho, a cuja voz as columnas firmes da cidade renderão; quero dizer, os Presidentes da cidade, ouvindo as rezouens diuinas de Sebastião, derão as mãos como vencidos; & o mesmo tyranno tambem humilde veria aos pés do inelyto Pregador da Fé, se não ferraſſe as orelhas pera não ouvir o canto suave desta Serea sagrada encantadora de animos gentilicos. Mandou o tyranno, que deixasse a Fé que professaua, & pregaua; porem o valeroso Capitão de Christo sem medo algum respondeo: Em espaço de sessenta & tres annos sempre experimentei a Deos omnipotente pera comigo liberal, & magnifico; & como pay meu me enriquecesse, a mãi pobre, & humilde, de grandiosos beneficios, não quero apartar-me de sua Fé, & religião pelo que podia o Emperador muito a seu gosto carregalo de correntes, despedaçal-o com tormentos, porque elle tinha obrigação de obedecer mais a Deos author de toda a natureza, do que ao Emperador do Jappão.

Preso com grilhões, & algemas nas mãos he tirado ao Pretorio, & em sua presença atormentarão homens facinorosos, pera ver se com o medo dos tormentos que via padecer aos outros, fraqueaua; & se abalaua aquella columna de bronze, mas tudo foi baldado; & com providencia mais que humana aquelles barbaros algozes o fizarão fora preso, & guardado; parece que com medo

que

que vendose livre, & desatado, incitandoo o fogo que no peito lhe ardia, voluntariamente se arremeçasse aos tormentos.

Confessou que desejava hum mar de penas, & tormentos, os quaes de hum golpe bebesse, com tanto que lhe dessem licença de sementar a doutrina Evangelica em todo Iappaõ. Aqui lhe acontenceo dũa cousa digna de toda admiração, porque com estillo diuino em espaço de quatorze horas recopilou em hum papel bem estreito os principais mysterios de N. S. Fê, começando do primeiro homem Adam, venecendo a breuidade de Estrabo, que tambemeteo em lũa delicadissima mêt de aruore a Iliade de Homero com notauel artifice, e por este admirauel comento da Fê, com muito prezado Alexandre o cofre de perolas del Rey Dario, do qual se pelos fabulosos versos do Poeta Homero.

Foi mandado este compendio da Fê ao Emperador; carta sem duuida mais saudauel, que a que foi mandada a Alexandre doente pelo accidente do rio Cidno. Junto o conselho de Estado de hum lugar alto se desentrola o liurinho, & se lê, no qual se declarauão ao tyranno em summa as cousas de nossa Fê: estauão os conselheiros, & fidalgos embebidos no que ouuiaõ; & chegara o que lia a carta áquelle lugar, em que o Padre Sebastião Vieira traçaua da immortalidade da alma; entam fazendo final o Emperador, fez silencio com á profunda meditação, em que ficou abortio; & logo saindo daquelle extrasi melancolico, naõ sem perturbação no semblante, pensatiuo, rompeo nestas palauras: *Aquelle he veracidade. Padre.*

220 *Elogios dos Martyres da Companhia de Iesu*

Depois correndo com os olhos aos senhores que lhe assistião, ainda carregado no gesto, ajuntou: *E que hevos de fazer se estas cousas são verdades.*

O prouuera a Deos, que aquella seta despedida do arco, & aljava diuina a seu peito duro, penetrára, & o incitára a que se quiesse buscasse ferido as fontes cristallinas do Baptismo! Prouuera a Deos, que aquelle rayo de luz de tal maneira desfizesse as treuas de seu entendimêto, que cercado de luz superior conhecesse a seu Criador, & se visse a sy, & a todo Iappão, que se hiaõ a despenhar para os tormentos eternos: sem duuida que esteue Deos, & bateo às portas de Arima, a quem se abriua. O quãtas, & quam largas portas, & caminhos estarião patentes para o Ceo ao imperio Iapponico!

Tudo na sala era hum profundo silencio, sem auer que acordasse daquella admiração, por em hum tio do Emperador velho nos annos, & na malicia maduro já, & alfoado para o inferno, falando para o sobrinho mancebo, disse que o Padre Sebastião Vieira era digno de morte, & para isto allegou com as leys de seus mayores, pelas quaes deuia de morrer a tormento, por meter em Iappão ley que contradizia a seus idolos, & a sua adoração.

Quando estas rezoens o Emperador, carregandose mais no gesto, mandou que conforme as leys do Imperio fosse condemnado a morte o Padre Sebastião Vieira. Pelo que no rosto da cidade Real, & á vista do tyranno foi pendurado na fiação no meyo de cinco subditos seus Religiosos da Companhia de Iesu, que acabaraõ tambem no mesmo tormento pela Fé. O Padre Sebastião

Vieira não se contentou com hum tormento, porq̃ muito dantes profetizou que seria tambem queimado, & assim aconteeo, porque passados tres dias, em que perseveraua viuo no tormento, tendo já espirado seus companheiros, sò elle esperaua pelas suas chamas, as quaes lhe lançaraõ na coua os algozes como em aliuio de seu tormento, com que logo acabou aquella vida ditosa, pera começar outra toda bemaumenturada; aos seis de Junho de mil seiscentos. trinta & quatro: aos sesenta & tres de sua idade: quarenta & cinco da Companhia de Iesu, mandarão à Curia Romana o processo de suas victorias os já referidos Prelados, pera que com gloria a mesma Roma, & o mundo todo possa venerar tam valeroso Capitão
da Fè Romana.



Quinq3 Iappones socij P. Sebastiani Vieiræ Soc. IE
SV, pedibus suspensi et in foueam cingulo teras de
pressi. in oâtiem fidei 3^a die moriuntur Yendi, 6 Jun.

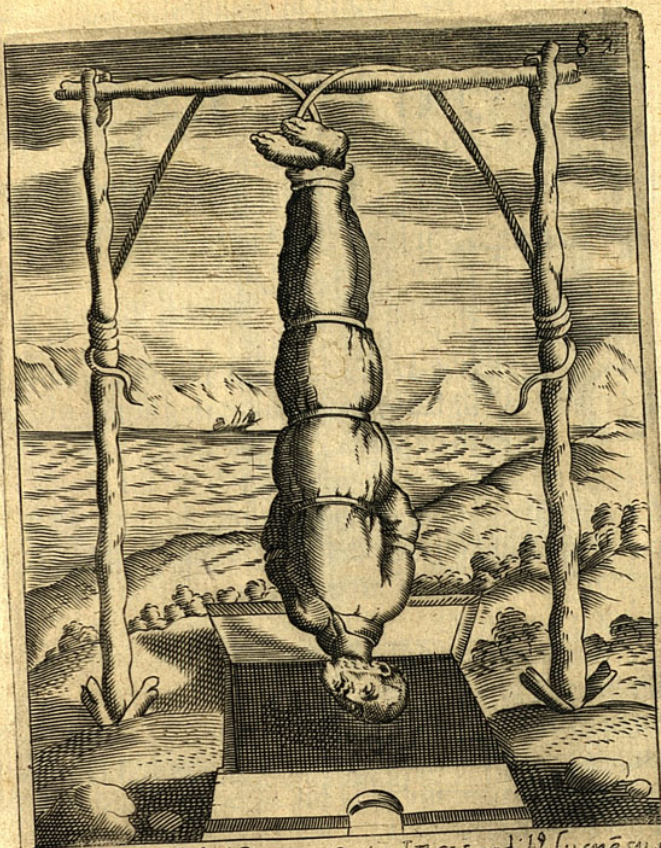
1634

ELOGIO LXXXI.

DE CINCO IRMÃOS IAPPOENS
companheiros do Padre Sebastião
Vicira.

Offerço neste Elogio a cinco illustres, & fortíssimos soldados da Fê, os quaes ainda que aqui careção de patria (porque não temos della noticia certa) nem por isso ficão fóra da eterna gloria, verdadeira patria nossa; mas pode se crer he porque nenhuma cidade no Iappaõ foi digna de cidadões tam gloriosos; ou porque o mesmo Céo os tomou por seus cidadões, & naturaes.

Mas tambem se não sabem os nomes de varões tam illustres; & se faltão neste liuro, estão com tudo escritos no liuro da vida com seu proprio sangue: pudemos com tudo saber sua felicidade summa, a qual foi morrer no tormento das couas diante dos olhos do Padre Sebastião Vicira seu superior, & capitão; pode se tambem acrescentar a sua felicidade o alcançarem a palma, & coroa logo q̃ forão admittidos à Companhia de Iesu: quando outros cheos de annos, & merecimentos, depois de innumeraveis trabalhos a não alcanção,



P. Didacus Yn Ki lappon, Societ. IESV. pedil^o suspēsus,
 Et in foueam cingulo ten^o depressus in odium fidei per via
 die mortitur OZACÆ, Febr. 1636.



Município de Castro Daire
CÂMARA MUNICIPAL

279

----- ACTA N.º 23/2004 -----

REUNIÃO ORDINÁRIA DA
CÂMARA MUNICIPAL DE CASTRO DAIRE

DATA DA REALIZAÇÃO: 25 de Novembro de 2004. -----

----- Aos vinte e cinco dias do mês de Novembro do ano de dois mil e quatro, nesta vila de Castro Daire e Salão Nobre do edifício dos Paços do Município, reuniu, ordinariamente, a Câmara Municipal dando, assim, cumprimento ao disposto no artigo 6.º, n.ºs 1 e 2, da Lei n.º 169/99, de 18 de Setembro, alterada e republicada pela Lei n.º 5-A/2002, de 11 de Janeiro. -----

----- PRESENÇAS: -----

PRESIDENTE: João Augusto Matias Pereira. -----

VICE-PRESIDENTE: En.º Maria Eulália da Silva Teixeira. -----

VEREADORES: En.º António dos Santos Gomes Bica, En.º Fernando da Rocha Felício, Dr. José Manuel Santos Ferreira e José Fernando Carneiro Pereira. -----

Faltou o Vereador Dr. António de Oliveira Giroto por se encontrar de férias. A Câmara justifica a falta. -----

SECRETARIOU: L.ºeod Marques Ferreira, Chefe da Divisão de Administração Geral. -----

HORA DE ABERTURA:eram nove horas e trinta minutos quando, pelo Senhor Presidente, foi aberta a reunião com a seguinte: -----



Município de Castro Daire
CÂMARA MUNICIPAL

295

para aquisição dos terrenos necessários à execução da obra de requalificação da Rua da Escola nas Termas do Carvalhal, pelo qual a Câmara transfere para aquela freguesia a importância de 8.775,00€. A Câmara, por unanimidade, delibera ratificar. -----

2. CORTE DE CARVALHA NO PARQUE DE MERENDAS DAS TERMAS DO CARVALHAL: Informa a Câmara de que contactou com os Bombeiros Municipais de Viseu com vista ao corte de uma carvalha seca nas Termas do Carvalhal. Igualmente, dá conhecimento de que a Associação Cultural e Recreativa daquela localidade lhe pediu a lenha resultante de tal árvore. A Câmara, por unanimidade, delibera concordar. -----

----- **PONTO 03 – INTERVENÇÃO DO SENHOR PRESIDENTE:** -----

1. CONCESSÃO DE SUBSÍDIOS: Propõe a atribuição dos seguintes subsídios: -----

↳ *Fábrica da Igreja Paroquial de Picão:* 1.000,00€ para obras de restauro na Igreja Matriz; -----

↳ *Fábrica da Igreja Paroquial de Castro Daire:* 35.000,00€ para o monumento ao Padre Sebastião Vieira, a colocar no adro da Igreja Matriz; -----
A Câmara, por unanimidade, delibera concordar. -----

2. REQUALIFICAÇÃO DA AV.ª JOÃO RODRIGUES CABRILHO: Dá conhecimento à Câmara da informação n.º 278/2004, de 09/11/2004, do Eng.º Chefe da Divisão de Obras, Planeamento e Ambiente. Sobre a aquisição de uma parcela de terreno ao Sr. José Henrique Corveira Ferrador que a seguir se transcreve: "A Câmara Municipal de Castro Daire necessita de adquirir a parcela de terreno, propriedade do Sr. Corveira Ferrador, constante no mapa de ex-



MUNICÍPIO DE CASTRO DAIRE
CÂMARA MUNICIPAL

----- ACTA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE CASTRO DAIRE; DE 12 DE

MARÇO DE 1987: -----

----- Aos treze dias do mês de Março de mil novecentos e oitenta e sete, na Vila de Castro Daire e Sala das Reuniões da Câmara Municipal, onde se encontravam presentes os Srs. Dr. César da Costa Santos, João Augusto Matias Pereira, Francisco da Costa Ferreira, Prof. José Augusto dos Santos Ferreira, Arlindo Rodrigues Marcelino, Mário de Almeida Morgado e Orlando Afonso Coelho Cardoso, respectivamente, Presidente e Vereadores, reuniu o Órgão Executivo deste Município. Eram nove horas e trinta minutos quando o Sr. Presidente declarou aberta a reunião tendo-se procedido de seguida à leitura da acta da reunião anterior que foi aprovada e assinada.-----

----- P U B L I C O : -----

----- PEIXENINHO (GOSENDE) : - Várias pessoas pedem para ser alargada a estrada de Gosendinho a Peixeninho. -----

O Sr. Presidente explica que há dificuldades porque várias pessoas que possuem terrenos à beira da estrada não deixam alargar. Ficou encarregado o Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Gosende que estava presente, de procurar que todos cheguem a acordo. Em último caso, o Senhor Presidente da Câmara compromete-se a ir ao local.-----

O Sr. Vereador em regime de Permanência disse que o alargamento e alcatroamento dessa estrada já estão incluídos no plano de trabalhos da Câmara para este ano dependendo, no entanto, de os donos dos terrenos deixarem alargar a estrada

sem que a Câmara tenha de fazer muros, vedações, etc.-----
Uma Senhora da mesma localidade pede para serem colocadas placas em Reconcos, com o nome da localidade.-----



MUNICÍPIO DE CASTRO DAIRE
CÂMARA MUNICIPAL

[Handwritten signature and initials]

1 - TOPONIMIA: O Vereador Senhor Professor José Augusto Ferreira apresenta à Câmara uma proposta para a nova toponímia da Vila de Castro Daire. Informa que foi tido em conta o trabalho elaborado pela Comissão eleita pela Assembleia Municipal no anterior mandato. A proposta agora apresentada foi apreciada na generalidade. De seguida, foi apreciado artigo por artigo, alguns dos quais foram objecto de alteração por parte da Câmara. A versão final da nova toponímia aprovada pela Câmara ficou assim estabelecida: -----

1º - A Avenida que vai desde o início da Avenida dos BOMBEIROS VOLUNTARIOS até, à saída da Vila, em direcção a Viseu, chama-se Avenida 5 DE OUTUBRO. -----

2º - A Avenida que vai desde a Avenida 5 de Outubro até ao cruzamento da Rua Nini Lacerda chama-se Avenida DR. FRANCISCO SÁ CARNEIRO. -----

3º - A Rua que vai desde o término da Avenida Dr. Francisco Sá Carneiro até ao Bairro Fieis de Deus chama-se RUA NINI LACERDA. -----

4º - O Bairro situado no final da Rua Nini Lacerda chama-se BAIRRO FIEIS DE DEUS. -----

5º - O Bairro onde estão implantados os seis Blocos Habitacionais chama-se BAIRRO DAS EIRAS. -----

6º - A Rua que vai desde a Avenida Dr. Francisco Sá Carneiro até à Ponte do Boto chama-se RUA ENGº ADELINO AMARO DA COSTA. -----

7º - O Bairro que se encontra junto do Quartel da G.N.R. chama-se BAIRRO DR. ANTONIO LACERDA. -----

8º - O Bairro onde estão implantadas as casas Pré-Fabricadas chama-se BAIRRO DA REGADA. -----

9º - O Largo entre a Avenida 5 de Outubro e o início da Rua Comendador Oliveira Baptista, chama-se LARGO DA REPUBLICA. -----

- 10º - A Rua que vai desde a Avenida 5 de Outubro, junto ao Largo da República em direcção ao Largo de S. Pedro chama-se RUA COMENDADOR OLIVEIRA BAPTISTA.-----
- 11º - A Rua que vai desde a Rua Comendador Oliveira Baptista até à Calçada da Ponte Pedrinha chama-se RUA 1º DE DEZEMBRO.-----
- 12º - A Rua que vai desde a Rua Comendador Oliveira Baptista (junto à Farmácia Misericórdia) até à Padaria chama-se RUA DO FORNO.-----
- 13º - O Largo em frente do ex-Hospital Concelhia chama-se LARGO DE S. PEDRO.---
- 14º - O Bairro e Largo envolvente do Centro de Saúde chama-se BAIRRO DO CASTELO.
- 15º - A Rua que vai desde o Largo de S. Pedro até à Rua 1º de Dezembro chama-se TRAVESSA DO FORNO. -----
- 16º - A Rua que vai desde o final da Rua Comendador Oliveira Baptista, passa em frente da Residência Paroquial até à Quinta do Sabugal, chama-se RUA DO PASSAL.-----
- 17º - A Rua que vai desde o início da Avenida dos Bombeiros Voluntários, junto à casa Reinaldo, até à Praça D. José de Aguiar, chama-se RUA 1º DE MAIO.-----
- 18º - A Rua que vai desde a Rua 1º de Maio, passa em frente da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo, até à Quinta do Sabugal, chama-se RUA DA FERRARIA. -----
- 19º - O Bairro onde estão implantados os cinco Blocos Habitacionais (ex-F.F.H.) defronte da Rua da Ferraria chama-se BAIRRO DA FERRARIA.-----
- 20º - A Rua que vai desde o terminus da Rua 1º de Maio, passa em frente da Cooperativa Agrícola, até à Rua do Passal, chama-se RUA DA AGUIEIRA.-----
- 21º - O Largo situado junto da Rua da Agueira, a poente das Escadinhas da Ferraria, chama-se LARGO DA AGUIEIRA. -----
- 22º - A Travessa que vai desde o Largo da Agueira até ao Quelho do Passal chama-se QUELHO DA AGUIEIRA.-----



MUNICIPIO DE CASTRO DAIRE
CÂMARA MUNICIPAL

- 23º - As Escadas que vão da Rua da Ferraria até à Rua da Aguireira , junto à
Cooperativa Agrícola, chamam-se ESCADINHAS DA FERRARIA.-----
- 24º - A Ruela que vai desde a Rua da Ferraria até à Rua do Passal, chama-se
QUELHO DO PASSAL.-----
- 25º - O Largo situado no final da Rua 1º de Maio, chama-se PRAÇA D. JOSE DE
AGUILAR.-----
- 26º - A Rua que vai desde a Praça D. José de Aguilár , passa em frente ua
Casa do Povo, até à Rua do Passal, chama-se RUA DE S. BENEDITO.-----
- 27º - A Rua que vai desde a Rua S. Benedito , passa junto da Sede dos Escuteiros
até à Rua Comendador Oliveira Baptista, chama-se RUA DAS VIRTUDES.-----
- 28º - A rua que vai desde a Rua S. Benedito, tem início em frente à Casa do Po-
vo , até à Rua Comendador Oliveira Baptista, chama-se RUA DE S. VICTOR.-----
- 29º - A Rua que vai desde a Praça D. José de Aguilár até à Rua Comendador Oli-
veira Baptista, chama-se RUA DIREITA.-----
- 30º - A Rua que vai desde a Praça D. José de Aguilár, em direcção à Fonte do
Correio, até à Rua Comendador Oliveira Baptista , chama-se TRAVESSA DA FONTE VO
CORREIO.-----
- 31º - A Avenida que vai desde o início da Avenida 5 de Outubro até ao Cruzamen-
to da Rua José Clemente da Costa, na Direcção de Lamego, chama-se AVENIDA DOS
BOMBEIROS VOLUNTARIOS. -----
- 32º - A Avenida que vai desde o terminus da Avenida dos Bombeiros Voluntários
até à saída da vila, em direcção a Lamego, chama-se AVENIDA GENERAL HUMBERTO
DELGADO.-----
- 33º - A Rua que vai desde a Avenida dos Bombeiros Voluntários , junto ao Mini-
-Mercado até à Rua da Ferraria, chama-se RUA DA SEARA.-----

34º - A Rua que vai desde o terminus da Avenida dos Bombeiros Voluntários em direcção à Ermida , até ao antigo Matadouro, chama-se RUA JOSE CLEMENTE DA COSTA.-----

35º - A Rua que vai desde a Avenida General Humberto Delgado, junto à Escola de Condução , até à Capela de Santo António chama-se Rua DE SANTO ANTONIO.----

36º - A Rua que vai desde a Rua de Santo António até à Avenida General Humberto Delgado, chama-se RUA DO CRUZEIRO.-----

37º - A Avenida que vai desde o início da Avenida General Humberto Delgado, jun ao Mercado Municipal, passa em frente do Lar e Creche da Santa Casa da Misericórdia , até à Rua Inocência dos Santos Cruz, chama-se AVENIDA DA MISERICORDIA.--

38º - A Avenida que vai da Avenida da Misericórdia , passa nas traseiras do Lar e Creche da Santa casa de Misericórdia e liga à E.N.2, chama-se AVENIDA ANTONIO SERRADO.-----

39º - A Rua que vai desde o edifício do B.P.A. até ao Largo Eugénio Farrinha, chama-se Rua DR: PIO FIGUEIREDO.-----

40º - A Rua que vai desde o início da Rua Sr. Pio Figueiredo até à Avenida da Misericórdia chama-se RUA DAS CARRANCAS.-----

41º - O Largo Fronteiro à Capela das Carrancas , chama-se LARGO D. MANUEL DE VASCONCELOS PEREIRA.-----

42º - A Rua que vai desde a Rua DR. Pio Figueiredo passa em frente da C.G.D., até à Avenida da Misericórdia chama-se RUA PADRE AMERICO.-----

43º - A Travessa que vai desde a Rua Dr. Pio Figueiredo até à Avenida 5 de Outubro, chama-se TRAVESSA MARIQUINHAS DAS PINTORAS.-----

44º - A Rua que vai desde a Rua Dr. Pio Figueiredo até ao Calvário, chama-se CALÇADA DO CALVÁRIO.-----



MUNICÍPIO DE CASTRO DAIRE
CÂMARA MUNICIPAL

45º - O Largo em frente da Capela de S. Sebastião chama-se LARGO EUGENIO FARINHA.

46º - A Rua que vai desde o Largo Eugénio Farinha até à Avenida 5 de Outubro, chama-se RUA PADRE SEBASTIÃO VIEIRA.-----

47º - A Avenida que vai desde o Largo Eugénio Farinha passa pela Escola Preparatória, até ao cruzamento da Avenida Dr. Francisco Sá Carneiro, chama-se AVENIDA JOÃO RODRIGUES CABRILHO.-----

48º - A Rua que vai desde o Largo Eugénio Farinha até ao cruzamento da Avenida Dr. Francisco Sá Carneiro, chama-se RUA CANDIDO DOS REIS.-----

49º - A Rua que vai desde a Avenida João Rodrigues Cabrilho até ao terminus da Avenida da Misericórdia, chama-se Rua Inocêncio dos Santos Cruz.-----

50º - O Jardim situado entre a Avenida dos Bombeiros Voluntários e a Rua das Carrancas chama-se JARDIM MUNICIPAL.-----

51º - A Avenida que liga a EN2 à EN 225 (circunvalação) chama-se AVENIDA 25 DE ABRIL. -----

2 - LARGO EM FRENTE DA COOPERATIVA / COLOCAÇÃO DE SINAL DE TRANSITO: - Este Senhor Vereador informa a Câmara de que muitas vezes chegam ao Largo em frente da Cooperativa viaturas que querem efectuar cargas e descargas e ficam impossibilitados de o fazer, por ali se encontrarem estacionados alguns veículos. Propõe que no local seja colocada uma placa indicativa de só ser permitido o estacionamento para cargas e descargas. A Câmara aprova a proposta, e delibera mandar colocar a placa.-----

3 - CAPELA DE S. SEBASTIÃO: - O mesmo Sr. Vereador refere o estado de degradação exterior em que se encontra a Capela de S. Sebastião nesta Vila. Propõe que a mesma seja objecto de reparação, pois trata-se de um monumento classificado como "Imóvel de Interesse Público". O Senhor Presidente informa que

